

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano III — Número 35

Novembro de 1965

SEMANA DE ORAÇÃO E SACRIFÍCIO

(20 A 27 DE NOVEMBRO DE 1965)

A ORAÇÃO DA FÉ

Em Tiago 5:15, o apóstolo lembra-nos que «a oração da fé salvará...». Em essência, a oração que salva é a oração que conta. Não é um mero falar de frases feitas que faz mover o braço do poder mas a expressão de fé na Pessoa que é capaz de salvar o suplicante do orgulho, da inveja, da cobiça, do egoísmo e de outros pecados e hábitos destruidores da alma.

A oração da fé não procura alcançar de Deus aquilo que Ele não quer dar ou que planejou de outra maneira. A oração cristã é sempre sublinhada pelo pedido sincero: «não a minha vontade, mas a Tua, seja feita.»

Os pagãos rezam para obter o que eles desejam. Os cristãos oram para dar a Deus a oportunidade de fazer o que Ele deseja, o que Ele procura fazer há anos, mas sem ter conseguido por causa da falta de preparação, da falta de receptividade, da dureza de coração e da indiferença mental do que ora. Da mesma maneira como Cristo orou sobre Jerusalém condenada, muitas vezes Ele ainda chora e repete: «quantas vezes quis Eu... e tu não quiseste!» (Mateus 23:37).

A Oração da fé prevalece quando é acompanhada por auto-disciplina em hábitos de pensamento válido dentro da esfera da verdade revelada. Ninguém pode acariciar pensamentos maus, torpes e sensuais e, sem transição, deixá-los para comungar com Deus. Ele apela para que abandonemos os nossos pecados acariciados, as nossas atitudes maldosas, o nossos maus temperamentos, visto estes defeitos constituírem uma barreira real à resposta à oração. «Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá.» (Salmo 66:18).

A oração eficaz e o pensamento puro vão de braço dado. A sua ligação não é accidental. Disse Paulo: «as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com acção de graças.» Seguidamente ele apresenta uma lista de virtudes apropriadas para servirem de tema ao pensamento do cristão. (Filipenses 4:6-8).

Durante esta Semana de Oração, possamos nós desviarmo-nos dos nossos propósitos egoístas para nos voltarmos para os grandes propósitos de Deus. Vamos pensar e orar pela salvação dos nossos filhos, dos nossos amigos, dos nossos vizinhos e pelos milhões inumeráveis das terras longínquas. Vamos também orar por uma compreensão mais profunda do amor de Deus, da Sua graça redentora, do Seu poder mantenedor e do Seu regresso iminente em poder e grande glória. À medida que as oportunidades se apresentarem durante a semana, vamos expressar a nossa confiança no triunfo último da

Guarda, a que horas estamos da noite?

por R. R. Figuhr

À pergunta ansiosa «a que horas estamos da noite?» o guarda nas muralhas responde: «Vem a manhã». (Isaias 21:11, 12; *Edição revista e actualizada no Brasil*).

«Nos tempos antigos colocavam-se muitas vezes sentinelas nos muros das cidades, onde, de posições vantajosas, podiam observar importantes pontos a ser guardados, e dar aviso da aproximação do inimigo. De sua fidelidade dependia a segurança de todos os que se achavam dentro dessas cidades. A determinados intervalos cumpria-lhes chamarem-se uns aos outros, a fim de se certificarem de que todos estavam despertos, e de que nenhum mal sucedera a qualquer deles. O grito de animação ou de advertência era passado de um para outro, todos repetindo o chamado até que este houvesse rodeado a cidade». *Obreiros Evangélicos*, pág. 14.

Os perigos que ameaçavam os habitantes das cidades, exigiam que houvesse sentinelas atentas e fiéis, especialmente durante as horas escuras da noite. O alvorecer trazia um alívio, de sor-

te que os sinais do romper do dia eram recebidos com alegria. «Vem a manhã» era uma expressão feliz e confiante que se espalhava pela cidade.

De igual modo tem acontecido com os fiéis seguidores de Deus neste mundo sobre o qual repousa a escuridão nocturna do pecado. Através dos séculos, o povo de Deus tem aguardado e anelado pelo alvorecer do dia prometido. Com ansiedade, esse povo tem esquadrinhado os céus, procurando indícios do clarear desse dia.

«Com ardente anseio, o povo de Deus aguarda os sinais do Rei vindouro. Ao serem consultadas as sentinelas: «Guarda, que houve de noite? é dada sem vacilação a resposta: 'Vem a manhã, e também a noite!' Isaias 21:11, 12. Brilha a luz nas trevas sobre o cume das montanhas. Revelar-se-á em breve a Sua glória. O sol da justiça está prestes a raiar. A manhã e a noite estão ambas às portas — o iniciar de um dia intermínio aos justos, e o baixar de eterna noite aos ímpios.» *O Conflito dos Séculos*, edição portuguesa, pág. 446.

A palavra de Deus está repleta de referências e promessas da vinda do Senhor a esta Terra como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Aquele que tem o direito de governar em breve virá governar. Os apóstolos e os primeiros seguidores do Senhor, alguns dos quais tinham visto com os seus próprios olhos a ascensão do Seu Senhor ao céu, recordavam-se vividamente e acarinhavam fervorosamente a Sua promessa: «Virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também». Esta promessa não era para eles uma teoria ou mera doutrina fria e formal. Era uma esperança viva, uma promessa preciosa. Modificou completamente o curso de

igreja remanescente de Deus, na direcção de Deus em nossas vidas, na comunhão e unidade santificadoras do povo de Deus e no privilégio de dar e de servir a causa de Deus na Terra.

Façamos planos para estar presentes às reuniões especiais desta semana e, através da nossa atenção às leituras, oração válida e pensamentos puros encorajarmo-nos uns aos outros na busca de um reavivamento espiritual e de uma reforma de vida que nos prepararão para a vinda do nosso bendito Senhor.

A Conferência Gerat

suas vidas e tornou-os peregrinos e estrangeiros na Terra.

Quando o fiel apóstolo João foi desterrado para a solitária e pedregosa ilha de Patmos, Deus abriu-lhe a cortina do futuro e deixou-o entrever os acontecimentos vindouros que precederiam o aparecimento glorioso de Cristo. No fim desta revelação, o Senhor rematou-a com a promessa «Certamente cedo venho». O devoto discípulo João, o último sobrevivente dos doze, expresou em palavras o anseio do seu próprio coração assim como o de cada verdadeiro seguidor do Senhor, quando afirmou: «Ora vem Senhor Jesus.»

Que aconteceu entretanto?

Entretanto hoje existe um grande abismo entre a igreja cristã primitiva que tão fervorosamente acarinhava e coerentemente vivia esta esperança da breve vinda de Cristo e a igreja cristã do mundo hodierno! Hoje pouco se ouve sobre a vinda do Senhor entre milhões de professos cristãos. Raramente se ouve alguém exprimir fervorosamente o desejo: «Ora vem, Senhor Jesus». Algo aconteceu na igreja cristã e nos corações dos crentes, daquele tempo para cá. Isso que aconteceu, fosse o que fosse arrefeceu o zelo inicial e desviou a atenção da maioria dos crentes para outras coisas.

«O Senhor vem» era a divisa dos primeiros seguidores de Cristo. Já não o é. Que foi que provocou esta mudança e diminuiu o fervor na grande verdade que outrora foi uma esperança vibrante? A resposta não é difícil de encontrar. O grande e astucioso inimigo foi bem sucedido em iludir os crentes, levando-os a relegar a grande verdade bíblica para uma posição de pouca importância.

Os historiadores e outros académicos dizem-nos que no decurso dos dois primeiros séculos da era cristã, a crença no segundo advento de Cristo estava largamente propagada.

«É bem sabido que, nos primórdios dos tempos primitivos, os fiéis acreditavam literalmente na segunda vinda do Senhor Jesus Cristo, na ressurreição e

no reinar dos santos com Ele durante mil anos, antes do resto dos mortos ressuscitar.»—Cotton Mather, citado por C. C. Pyrie no livro *The Basis of the Premillennial Faith*, pág. 32. Nos séculos que se seguiram, esta crença declinou. Há razões notáveis para esse declínio e elas hoje constituem um aviso para os adventistas do sétimo dia. O seu anor à esperança da volta de Cristo pode também arrefecer e também estão em perigo de se reconciliarem com este presente mundo. A primeira causa para o declínio do fervor dos crentes foi a melhoria da condição dos cristãos. Quão desmoralizadores e entorpecentes podem ser a comodidade e a abundância! O imperador Constantino pôs termo às perseguições aos fiéis discípulos de Cristo. Em breve seguiu-se a união da igreja e do estado. «Não mais pobre mas ajoujada com riqueza e honras mundanas, ela (a igreja) viu que manter a doutrina de peregrinação e separação e a esperança de um Rei vindouro e de um reino terreno seria extremamente desagradável a Constantino. Assim o apadrinhamento da igreja pelo mundo e a prosperidade resultante trouxeram a grande perda para a Igreja da esperança da breve vinda do seu Senhor».

«Até aqui as Escrituras tinham apoiado a Igreja na sua separação do mundo, mas visto que esta mudara, a interpretação das Escrituras teve que ser mudada para justificar a sua posição.» *Ibid.*, pág. 24.

Durante a Reforma, houve um reavivamento parcial da doutrina do regresso premilenial de Jesus como Senhor supremo. Entretanto esta doutrina, como era afirmada na igreja primitiva, «foi quase exterminada sob o ensino e poder do papado... Os cristãos sentiam-se satisfeitos com o triunfo da igreja na ordem presente e com a esperança para a alma individual depois da morte.» *Ibid.*, pág. 27. O mesmo escritor acrescenta:

«O Protestantismo nunca se recuperou completamente da influência da escatologia da Igreja Católica Romana, tal como foi desenvolvida na Idade Média.» *Ibid.*, pág. 30.

É necessário vigiar constantemente

Tudo isto nos leva a ver a necessidade de vigilância constante a fim de que os crentes não sejam levados a um estado de indiferença, juntamente com os que dizem, «O meu Senhor tarde virá» e se estabelecem confortavelmente neste mundo.

Não devemos perder o nosso conceito dos acontecimentos preparatórios da vinda literal do Senhor, que Ele mesmo realçou e expôs tão claramente. Os nossos ouvidos devem estar sintonizados à voz do atalaia que grita «Vem a manhã». Devemos discernir os sinais do dia que se aproxima.

«A voz da sentinela verdadeira precisa de ser ouvida por toda a linha, «vem a manhã e também a noite». A trombeta deve dar um som certo, pois estamos no grande dia da preparação para o Senhor... Há muitas doutrinas espalhadas no nosso mundo. Há muitas correntes religiosas que contam nos seus números com milhares e dezenas de milhares, mas só há uma que tem a marca e o selo de Deus. Há a religião do homem e a religião de Deus. Devemos ter as nossas almas fixas no Rocha Eterna. Tudo no mundo de Deus, homens, doutrina e a própria natureza, estão cumprindo a palavra segura da profecia e levando a cabo o Seu grande trabalho final na história deste mundo». *Selected Messages*, 2.º Vol., págs. 579, 580.

O brado da sentinela verdadeira anunciando que «vem a manhã» é para todos os que amam a vinda do Senhor a certeza, há muito esperada, da libertação da tristeza e do sofrimento e de todos os males e perigos deste mundo. Com anelos felizes, eles anseiam a rápida antecipação das suas mais queridas esperanças. «E naquele dia se dirá: eis que Este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e Ele nos salvará; este é o Senhor a quem aguardávamos; na Sua salvação gozaremos e nos alegraremos». (Isaias 25:9). O apóstolo Paulo, em I Tessalonicenses 4:13-18, diz-nos que esta esperança deve animar os seguidores de Cristo quando têm de dizer adeus a um querido junto à sepultura: «Porque o mesmo Senhor des-

cerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor». (versos 16 e 17). A realidade da vinda literal de Cristo e o fim da morte são realçados pelo apóstolo quando sublinha: «Dizendo-vos, pois, isto pela Palavra do Senhor». Não se trata de afirmações dos homens. É a certeza de Deus ao Seu povo.

A volta gloriosa do Senhor e todos os benditos acontecimentos a ela ligados, são promessas a que os fiéis se podem agarrar com confiança absoluta! Elas deram forças aos crentes nos tempos passados. Elas dão igualmente forças aos crentes de hoje.

O perigo que nos ameaça

O perigo que nos ameaça, a nós adventistas, não é o de irmos a negar a doutrina do segundo advento de nosso Senhor. O inimigo sabe bem que aqueles para quem as Escrituras são familiares, ainda que de uma maneira geral, não podem ser induzidos a voltar as costas abertamente a um ensino tão claro. Não, os adventistas não estão em grande perigo neste ponto. Não é provável que venham a negar este ensino fundamental do Cristianismo. Muito poucas, se é que há algumas, das igrejas cristãs na realidade o negam. O que fazem é diluir esta verdade. Adiam o acontecimento indefinidamente. Explicam-no fazendo desaparecer a sua literalidade. Mas não o negam. Entre as armadilhas colocadas astuciosamente no caminho dos adventistas incautos, sobressaem o arrefecimento do interesse, a diminuição do senso da realidade, a omissão em reconhecer que o Senhor virá literalmente nas nuvens do céu e que todos os olhos o verão nesse dia.

Ao lermos os escritos da Mensageira do Senhor, sentimo-nos impressionados com o realismo com que ela pensava e escrevia sobre a vinda de Jesus. Notai esta passagem vibrante: «Oh, quão glorioso será vê-lo e receber as boas-vindas como remidos!» Qão con-

solador é ler estas palavras: «Sinto que devo gritar alto: estamos a caminho do lar». A serva do Senhor dirigia os seus pensamentos e os seus passos para um real lar celestial. Noutra passagem, ela imagina-se com os remidos nas mansões eternas: «Em breve estaremos no nosso lar prometido. Ali Jesus nos guiará ao longo das correntes vivas vindas do trono de Deus e explicar-nos-á por que providências nos levou através da escuridão deste mundo, de sorte a aperfeiçoar os nossos caracteres. Ali contemplaremos com visão límpida as belezas do Éden restaurado. Lançando ao pé do Salvador as corôas que Ele colocou nas nossas cabeças e tocando nas nossas harpas de ouro, encheremos o céu com louvor a Ele que está sentado no trono,» *Testimonies*, vol. 8, pág. 254.

O sentido da realidade

Tal sentido da realidade quanto ao maior acontecimento vindouro na terra, tem forçosamente de afectar o curso da vida do seu possuidor e a sua maneira de agir e de pensar. É isto, precisamente, que o inimigo procura neutralizar. Se ele tiver êxito em levar-nos a dar prioridade às coisas terrenas e levar-nos a considerar as coisas celestiais como irreais, ele ganha uma grande vitória. Quão ineficaz foi ele nos seus tenebrosos designios e esforços para abalar o velho e fiel servo de outrora, Job! Quando Job perdeu todas as suas possessões materiais — ovelhas, bois, camelos e burros — e mesmo os dez filhos, Deus e os propósitos de Deus permaneceram reais aos seus olhos. «O Senhor o deu, o Senhor o tirou. Bendito seja o nome do Senhor» foi a sua resposta nessa hora de grandes perdas. Não tivesse ele vivido e pensado desta maneira, todos os dias, não teria podido enfrentar a desgraça que se abateu sobre ele tão corajosamente e com tanto êxito.

O guarda de Israel disse também que «vem... a noite». Haverá dia eterno para os que vigiam e são fiéis mas

haverá noite eterna para os negligentes e indiferentes que não tomam a sério as admoestações do Mestre. «E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia.» (Lucas 21:34).

Há muitas coisas contra as quais devemos vigiar. Devemos vigiar cuidadosamente aquilo que permitimos entrar e ficar em nossas mentes e aquilo que acariciamos em nossos corações. «Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra», (Colossenses 3: 2), exorta o apóstolo. «Devemos desviar-nos dos inumeráveis tópicos que chamam a nossa atenção», é nos dito. «Os Anjos de Deus procuram desviar-nos de nós próprios e das coisas terrenas. Não os deixeis trabalhar em vão». — *Testimonies*, vol. 8, pág. 316 e 314.

Durante esta semana de oração devemos inquirir de nós próprios: Como me encontrará a alvorada do grande dia de Deus? Estarei pronto? Estou eu entre os que anelam por esse claro dia sem fim? Não estarei eu a tornar-me indiferente e negligente e a contentar-me com este presente mundo? Serei do número dos que amarão a Sua vinda? Estas e outras perguntas semelhantes devemos fazer a nós próprios para termos a certeza de que, ao levarmos o nome de adventistas, também demonstramos a realidade da nossa fé por um viver coerente. A cada passo vemos indicações claras de que a noite está a findar e de que o dia está às portas. Atalaia adventista, a que altura estamos da noite que em breve findará? Irá o alvorecer do dia de Deus encontrar-te preparado e ansiando entrar na gozo do Senhor? Deus permita que a tua voz se possa juntar ao cântico de vozes que exclamarão: «Eis que este é o nosso Deus e quem aguardávamos, e Ele nos salvará». Que esta semana não passe sem um cuidadoso exame de consciência da nossa parte nesta altura em que a verdade da breve e gloriosa vinda de Jesus vem de novo até nós.

Se eu tivesse só um sermão a pregar...

por George E. Vandeman

Se eu tivesse só uma oportunidade para apelar ao coração humano, se tivesse só uma hora para contactar com homens e mulheres destinados ao julgamento, se tivesse só uma oportunidade de falar com um povo que estava destinado a encontrar-se com o seu Deus em breve, que mensagem escolheria? Ao prescrutar o âmbito largo da verdade e as graves necessidades humanas, que mensagem única satisfaria os requisitos desta oportunidade sem paralelo?

Falaria eu de profecias, da proximidade do fim, do tempo que vâa? Estes assuntos são muito importantes. Eles colocam as nossas relações com Deus numa perspectiva diferente e vital.

Seria a minha mensagem sobre uma das doutrinas? Estas são necessárias e justificadas. Seria ela sobre as necessidades sociais da humanidade, tão importantes nesta época? Ou seria ela sobre a família e problemas do lar que afectam quase toda a gente de uma maneira profunda e perturbadora?

Isto faz-nos pensar. Que é mais importante, na realidade? Que deve ter a prioridade num tempo como este?

Quanto mais observo Deus a trabalhar, melhor compreendo o que Ele considera essencial. É sobretudo importante que conheçamos os Seus pensamentos, ainda que de uma maneira im- perfeita. Chegámos a uma época em que a nossa atenção deve ser absorvida só por aquilo que deve ter a primazia.

Nós temos vivido nos anos mais revolucionários da História, anos de progresso e de transformações.

A nossa fibra tem sido experimentada no processo de acompanharmos e de nos adaptarmos a todas estas evoluções. As leis da gravidade foram desafiadas. O espaço foi penetrado. Hoje os satélites olham, lá de cima, para este sujo planeta. A vida, de agora em diante, não poderá ser a mesma de outrora.

Aos olhos perspicazes depara-se hoje um mundo que se está conformando com rapidez ciclónica às predições de Pedro e Paulo, às visões de Daniel e João. Nós estamos vivendo nos últimos minutos da história desta terra. As forças de Satanás enfurecem-se e redobram de esforços à aproximação da hora zero.

Esta é a situação que temos de enfrentar. Estamos pisando o terreno encantado de Satanás. Não há um momento a perder.

Um propósito consumidor

Certamente pareceria uma loucura que alguns crentes com uma mensagem tão pouco popular, sem riquezas nem influências deste mundo a recomendá-los, afirmassem ter as respostas, *se não fosse pelos memoriais do passado.*

No velho Testamento, descobrimos na experiência de Gideão que os números, aos olhos de Deus, não são importantes. Gideão, como vos recordais, principiou com um exército. Seguiram-se uma série de provas sucessivas até que, por fim, a tarefa de Deus foi vitoriosamente realizada com um grupo de só 300 homens.

Vemos depois, no Novo Testamento, um pequeno grupo de 120 homens reunidos no cenáculo. Sobre eles repousava a responsabilidade da comissão evangélica. Daquele cenáculo, onde tão poucos se encontravam, saiu o poder que transformou o mundo pagão.

Que possuíam os trezentos bravos de Gideão, naquela hora de emergência nacional em Israel, que nós hoje não possuímos? Que tinham os cento e vinte que enfrentaram corajosamente e transformaram o mundo pagão? Que devemos nós ter para enfrentarmos com êxito o mundo hodierno que nos pro-

cura comprimir nos seus moldes? Qual é o segredo do poder que nos habilitará a enfrentar a prova final?

Creio que encontraremos resposta às nossas perguntas em Jeremias 20:9: «Então disse eu: Não me lembrarei dele; e não falarei mais do Seu nome; mas isso foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer, e não posso».

Aqui o profeta desnuda a sua alma sensível. Num acto de tenebrosa humildade, ele resolveu não falar mais do nome do Seu Deus. Na presença do Seu Criador, vendo a excelência da divindade a revelar a sua própria indignidade, ele suplicou que fosse libertado da responsabilidade que pesava sobre os seus ombros. Mas a palavra de Deus nos seus lábios, o fogo de Deus ardendo em seu coração, produziram uma paixão tão consumidora que ele compreendeu que não se podia calar. A diferença estava no fogo!

Recordo-me da experiência de um grupo de exploradores franceses que viajavam numa densa selva africana. Ao entardecer de um certo dia, quando se preparavam para acampar, encontraram algo que os deixou profundamente admirados e perplexos. Ali, numa clareira, encontravam-se pequenas fogueiras cuidadosamente preparadas mas que nunca tinham sido acendidas. E, mais estranho ainda, não eram uma nem duas mas trinta e cinco fogueiras. Quem as preparara?

Curvando-se, desfizeram uma daquelas fogueiras. No fundo encontraram-se as folhas secas com pequenos pausinhos atravessados sobre elas. Em cima paus maiores e, finalmente, a madeira grossa, tal como numa fogueira modelo.

O segredo desvendou-se então: Ao olharem para as árvores, os admirados exploradores viram dúzias de chimpanzés que, atentamente, os estavam observando na inspecção às suas fogueiras. Os chimpanzés tinham visto outros exploradores, que por ali passaram, fazer aquelas fogueiras e tinham-nos imitado. As fogueiras estavam perfeitas e ordenadas. Não havia qualquer engano. *Mas não tinham fogo!*

Será necessário que eu desenvolva

o paralelo? Nós construímos as nossas fogueiras. Sistematizamos as nossas doutrinas. Cremos que elas são ortodoxas e correctas em todos os detalhes. A nossa teologia é escriturística, sem margens para dúvidas. Temos provas irrefutáveis a que nos apoiamos. Temos uma organização sem falha. As suas rodas movem-se suave e eficientemente. *Mas para que servirá tudo isto se não houver fogo?*

«Isso foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e eu estou fatigado de sofrer, e não posso.»

Sim, se eu tivesse só um sermão a pregar, seria necessariamente sobre o Espírito Santo e o fogo vivificador que Ele produz, fogo indispensável para que a nossa mensagem tenha uma influência transformadora nesta geração sem fé e para que nós próprios sejamos vitoriosos.

Que fez dos 300 de Gidião uma companhia vitoriosa? Foi o poder do céu. Que foi que levou os 120 a incendiar um mundo hostil com a sua mensagem? Foi o poder do céu. Qual é a nossa necessidade suprema hoje na corrida que travamos com o tempo? É de poder do céu. Temos que ter esse poder se não queremos ser ineficazes e, o que é mais, perecer!

Quem, entre nós, não sente a necessidade íntima de um poder espiritual e dinâmico na vida? Quem não sente a necessidade do fogo de Deus nesta hora critica que atravessamos? Nós estamos em terreno encantado de Satanás. As forças do mal nunca foram tão fortes, tão subtis, tão sedutoras, tão atractivas. E nunca o tempo foi tão curto!

O desafio da tentação

Nos tempos idos da ocupação da América, os pioneiros tinham frequentemente de enfrentar os ataques dos índios que se ressentiam da sua presença. Quando um desses guerreiros enfeitado de penas multicores fazia um prisioneiro, ele divertia-se brincando com a sua vítima como o gato o faz com o rato. Por exemplo, diziam a um prisioneiro que ele ficaria livre se pudesse passar entre duas filas de inimigos

armados até aos dentes com machados de guerra e facas. É claro, isto representava a morte quase sempre. Mas, nalgumas raras ocasiões, um homem poderia escapar correndo como um gamo ou utilizando certos ardis que apanhavam o inimigo de surpresa.

Este processo era designado por «correr as varas», expressão que se tornou consagrada pelo uso. Embora fosse uma prática cruel e impiedosa, ela pouco difere dos métodos que Satanás utiliza no nosso tempo. Hoje todos nós entramos na corrida da tentação que é uma prática não menos perigosa.

Mas, embora pareça surpreendente, a vitória nesta luta titânica, não depende da nossa própria força ou da decisão de resistir confiando na nossa velocidade ou habilidade em utilizar ardis que confundam o inimigo, mas sim do poder que controla a fortaleza da alma.

Que quero dizer? Apenas isto: quando há o desejo de estudar a Palavra, quando sentimos a nossa necessidade e resolvemos fazer a vontade de Deus, quando devotamos uma semana como esta à oração e ao exame de consciência, Satanás não afrouxa os seus ataques. Pelo contrário, intensifica-os. Com esperteza diabólica, ele prepara-nos emboscadas.

É natural que ele use um ataque de surpresa quando um ataque frontal não tiver probabilidades de êxito. Geralmente é quando nos encontramos sòzinhos que a tentação é mais perigosa. Nessas alturas, por insinuações, imaginação vil e propósitos maus o inimigo esforça-se por controlar a mente e ofuscar a percepção de sorte a esconder a face de Cristo. Ele sabe que se puder ofuscar os nossos pensamentos ficaremos vencidos. A batalha de que estamos falando é uma batalha pela mente pois ela é a fortaleza da alma.

A mente pode ser uma fortaleza bem guardada, bem apoiada e devidamente orientada em cooperação com Aquele que nunca perdeu uma batalha. Pode ser uma fortaleza que Cristo possui num mundo revoltado. Mas, por outro lado, também pode ser algo de muito fraco, indefeso e vulnerável ao ataque.

Quem controla os nossos pensamentos? Esta é a pergunta que precisa ser respondida esta semana. Ouçamos as seguintes palavras:

«Não podemos discernir o carácter de Deus, ou aceitar Cristo pela fé, a não ser que consintamos em levar cativo todo o pensamento à obediência de Cristo. A todos quantos assim fazem, é o Espírito Santo dado sem medida». *O Desejado de Todas as Nações*, (edição portuguesa), pág. 127.

Se tão sòmente consentirmos, teremos poder. Se consentirmos o Espírito Santo ser-nos-á concedido sem medida. Se consentirmos, o fogo arderá dentro de nós para nos esclarecer e transformar e não mais nos sentiremos indefesos perante a tentação, ridicularizados pelos nossos pecados, embaraçados e desanimados por derrotas contínuas. O poder para alcançarmos a vitória pessoal ser-nos-á dado se tão sòmente consentirmos. Diz a serva do Senhor:

«Ao pecado só se poderia resistir e vencer por meio da poderosa operação da terceira pessoa da Trindade, a qual viria, não com energia modificada, mas na plenitude do divino poder. É o Espírito que torna eficaz o que foi realizado pelo Redentor do mundo. É por meio do Espírito que o coração é purificado. Por Ele torna-se o crente participante da natureza divina. Jesus deu o Seu Espírito como um poder divino para vencer toda a tendência hereditária e cultivada para o mal, e gravar o Seu próprio carácter na Sua igreja». *Ibid.*, pág. 501.

O poder para vencer está à nossa disposição

Ninguém precisa de se envergonhar de fracassos pessoais contínuos. O poder para vencermos todas as nossas fraquezas encontra-se à nossa disposição. A teoria não o conseguirá. Só a Verdade o poderá fazer. A lenha cuidadosamente arrumada em fogueiras bem feitas não é suficiente. *É necessário que haja fogo na lenha.*

«Sem o Espírito de Deus, de nada vale o conhecimento da Palavra. A teoria da verdade não acompanhada do

Espírito Santo, não pode vivificar a alma, nem santificar o coração. Pode estar-se familiarizado com os mandamentos e promessas da Bíblia, mas se o Espírito de Deus não introduzir a verdade no íntimo, o carácter não será transformado. Sem a iluminação do Espírito, os homens não estarão aptos para distinguir a verdade do erro, e serão presa das tentações subtis de Satanás». Parábolas de Jesus, págs. 408, 411.

Será possível que nós tenhamos vivido tanto tempo sem o poder do Espírito que já nos sintamos contentes com a nossa situação? Será possível que nós estejamos tão habituados à derrota que já nos resignamos a viver com ela? Estaremos nós a tosquenejar nas poucas horas que Deus nos deu para nos prepararmos para a Sua vinda? Que estranho encantamento tão perto do fim da batalha!

Deixar que o fogo do Espírito arda dentro de nós até que todas as fraquezas estejam consumidas, até que o pecado desapareça, não é uma experiência necessariamente agradável, mas é uma experiência imperativa. O fogo fará o seu trabalho, se consentirmos.

Uma experiência imperativa

Não posso esquecer a descrição inspirada de uma reunião que teve lugar no salão do velho tabernáculo de Battle Creek. Oucemo-la:

«Fez-se uma oração, cantou-se um hino e orou-se outra vez. Súplicas fervorosas foram feitas a Deus. A reunião foi marcada pela presença do Espírito de Deus. A Sua obra penetrou fundo e alguns dos presentes choravam em voz alta. Um levantou-se da sua posição de joelhos e disse que no passado não estivera em harmonia com alguns dos seus irmãos e não sentia amor por eles mas agora via a sua verdadeira condição...

«O orador voltou-se para aqueles que tinham estado a orar e disse: 'Temos algo a fazer. Devemos confessar os nossos pecados e humilhar os nossos corações perante Deus.' Ele abriu-se em confissão com o coração quebrantado e dirigindo-se a vários irmãos, uns após outros, estendeu-lhes a mão

e pediu-lhes perdão. Aqueles a quem ele falou, levantaram-se e também confessaram as suas faltas e pediram perdão, após o que se abraçaram chorando. O espírito de confissão espalhou-se por toda a congregação. Foi uma reunião de Pentecostes. Cantaram-se louvores a Deus pela noite fora e a reunião prolongou-se até quase ao amanhecer... Ninguém parecia ser orgulhoso demais para fazer confissões sentidas. Os que dirigiam esta reunião eram os que exerciam grande influência nos outros mas que anteriormente, não tinham tido a coragem de confessar os seus pecados».

Mas eis que seguidamente lemos o seguinte trágico parágrafo:

«*Isto poderia ter acontecido.* Tudo isto o Senhor esperava fazer pelo Seu povo. Todo o céu aguardava a oportunidade de ser gracioso. Eu pensei onde nos poderíamos encontrar se um trabalho mais profundo tivesse sido feito na última Conferência Geral e a agonia do desapontamento sobreveio-me quando compreendi que o que tinha festejado não fora a realidade». *Testimonies*, vol. 8, págs. 104-106.

Temos algo a fazer

Estas palavras têm-me seguido desde que as li pela primeira vez. Isto poderia ter acontecido mas não aconteceu! Queridos amigos, temos algo a fazer. Começaremos agora? Será possível que as palavras que acabamos de ouvir sejam uma revelação da nossa necessidade pessoal, esta noite?

Não se alegraria Deus se a cena que acabamos de descrever se tornasse uma realidade esta semana em todo o mundo? Isto poderia ter acontecido mas não é necessário esperar mais. Nas visitas que faço ao nosso povo, noto um desejo cada vez maior e a decisão cada vez mais firme de estar bem com Deus e de permitir que Ele termine a obra nos nossos corações para que a possa terminar no mundo.

O Espírito de Deus está a trabalhar. «Ele está efectuando transformações tão admiráveis que Satanás, com toda a sua jactância de triunfo, com toda a confederação do mal unida contra Deus

e contra as leis do Seu governo, olha para elas como fortalezas inexpugnáveis aos seus sofismas e enganosa. São para ele um mistério incompreensível». *Testimonies to Ministers*, pág. 18.

Que oportunidade maravilhosa! Que

oportunidade, esta semana, de abriremos os nossos corações ao influxo do poder que precisamos e cujo fogo arderá até nos deixar limpos, vitoriosos e fortes no poder do Todo-Poderoso!

Segunda-feira, 22 de Novembro de 1965

A nossa vitória: o sacrifício de Cristo

por A. Graham Maxwell

O versículo mais conhecido de toda a Bíblia talvez seja João 3:16: «Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho unigênito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna».

Todos nós conhecemos bem o relato da vinda do Filho de Deus a esta terra, de como Ele viveu entre nós, de como Ele sofreu a mais terrível das mortes, ainda na flor da idade, e de como Ele ressuscitou da sepultura e voltou para o Seu Pai celestial.

Mas, porque fez Ele tudo isto? Porque teve Ele de morrer?

Se você estivesse no lugar de Deus naquele dia em que Adão e Eva, no Éden pecaram pela primeira vez, que teria feito? Ter-lhes-ia perdoado e dado uma nova oportunidade de continuarem no Jardim? Pais humanos fazem isso todos os dias em relação aos seus filhos desobedientes. Se Deus é amor, porque foi Adão expulso à primeira ofensa?

Uma resposta errada a esta pergunta pode afectar seriamente a nossa atitude para com Deus e para com a prática da religião.

Muitos acreditam que Deus há muito se irou com a raça humana e que tem relutância em perdoar e abençoar as Suas criaturas que erram. Há milhares de anos que os homens oferecem sacrifícios — algumas vezes os seus próprios filhos — para alcançarem o favor do seu deus ofendido. Mesmo no mundo cristão, muitos ensinam que se não fosse pela intercessão constante, Deus não teria a disposição de nos amar e salvar.

Mas será necessário fazer algo para que Deus nos ame?

Nada é mais enfático nas Escrituras do que a certeza de que Deus tem sempre amado os Seus filhos, mesmo os mais errantes. Quando Deus disse, «porque no dia que dela comerdes, certamente morrerás», Ele não estava proferindo uma ameaça arbitrária. Dado o grande amor que tinha às Suas criaturas o Pai simplesmente os avisava das consequências da rebelião.

O pecado muda o pecador de tal maneira que o leva inevitavelmente à morte. Separado da Fonte da Vida, ele certamente morrerá. Em desarmonia com o seu Criador, ele não pode suportar a glória vivificadora da Sua presença.

Não é uma decreto arbitrário da parte de Deus que exclui do céu os ímpios; estes são excluídos por sua própria incapacidade para gozar da companhia de seus habitantes. A glória de Deus seria para eles um fogo devorador». *Degraus da Vida Cristã*, pág. 15.

Como podia Deus salvar o pecador?

Como podia Deus, então, salvar o pecador? Como podia Ele aproximar-Se para o livrar da sua rebelião? Um oferecimento desprezado de perdão não repararia os estragos feitos. Como poderia Deus apresentar claramente a verdade sobre Ele mesmo, de forma que os homens O amassem outra vez e, assim, ficassem curados?

A resposta de Deus foi dada ao enviar o Seu Filho sob a forma de homem. «Cristo, a Luz do mundo, velou o esplendor ofuscante da Sua divindade e

veio para viver como um homem entre homens para que estes pudessem, sem ser consumidos, tornar-se familiares com o Seu Criador». *Testimonies*, Vol. 8, pág. 265.

Quando, pela primeira vez, Adão e Eva voltaram as costas à verdade, demonstraram mais fé na serpente operadora de milagres do que n'Aquele que lhes tinha dado a vida. Como poderia Deus obter a sua lealdade outra vez? O amor e a fé não são produzidos pela força. Só o amor pode produzir o amor.

Através da Sua vida e Sua morte, Jesus revelou tanto da bondade e da paciência de Deus que, por isso, alguns são levados ao arrependimento (Rom. 2:4). «Nós o amamos a Ele porque Ele nos amou primeiro» (I João 4:19). Neste processo não entra a força. Só a verdade e o amor.

O universo estava atento quando Deus perdoou a Adão e Eva e deu-lhes tempo para se reabilitarem. Deus dissera no Jardim: «porque no dia que dela comeres, certamente morrerás».

«Certamente não morrerás», contradisse a serpente. «É seguro e, na verdade, até benéfico comer o fruto desta árvore. Deus mentiu-vos e é indigno da vossa confiança e adoração.»

Se Deus tivesse permitido que Adão e Eva colhessem as consequências imediatas e perfeitamente legais da sua rebelião, a verdade das Suas palavras teria sido claramente demonstrada e a falsidade de Satanás teria sido exposta sem margem para dúvida.

Mas «O Senhor... é longânimo... não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se» (II Pedro 3:9). No lugar da morte, Ele ofereceu outra oportunidade para a vida eterna. Com benevolência, Ele preservou a vida do pecador para que este tivesse a oportunidade de compreender a natureza do engano de que fora vítima e de voltar-se novamente para a verdade.

O risco que Deus correu

Deus correu o grande risco de ser mal interpretado ao tomar esta atitude! Todas as Suas criaturas inteligentes são livres para decidir se desejam colocar

a sua fé em Deus ou aceitar as acusações de tirania e fraude que Satanás levantou contra o Criador. O grande enganador logo persuadiu um terço dos santos anjos a alinharem com ele contra Deus!

Nessa altura mesmo o desejo de Deus de perdoar foi levado à conta de duplicidade divina. «Não vos tinha dito», exultava Satanás. «O pecado não resulta em morte. Certamente não morrereis».

Durante milhares de anos poderia parecer que Satanás tinha razão. Deus, entretanto, esperava dar a Sua resposta num momento mas auspicioso.

Finalmente, na plenitude dos tempos, Deus deu a Sua resposta terrível. Ele sacrificou-Se na pessoa de Seu Filho.

A morte que Ele sofreu foi maior do que a crucificação. Pelo amor que nos tinha, «Aquele que não conheceu pecado, O fez pecado por nós» (II Cor. 5:21). Jesus sofreu a horrível morte da separação, consequência inevitável do pecado. Estas foram as palavras que Ele proferiu num grito de agonia: «Deus meu, Deus meu, porque Me desamparaste?» (Mat. 27:46).

A justiça do próprio Deus fora posta em dúvida perante o universos. Os Seus avisos de que «o salário do pecado é a morte» foram ridicularizados no Éden, mas não o seriam mais depois da morte de Cristo. Essa morte demonstrou claramente a justiça de Deus (Rom. 3:25, 26). Deus foi justificado nas Suas afirmações e venceu ao ser julgado (Rom. 3:4).

Este foi o ponto culminante na controvérsia entre o bem e o mal. Este foi o grande momento da vitória de Deus, vitória sobre as forças do erro e da subversão. Deus partilhará a Sua vitória com todos os que escolherem crer na verdade e assim voltar para Ele em fé e amor.

Por estas e por outras razões, o único meio de salvar os pecadores e de silenciar as acusações de Satanás, era o próprio Deus assumir a forma humana e viver como viveu.

Foi assim que há cerca de mil e novecentos anos, Deus encarnou no corpo de um bebé do sexo masculino. Ao

crescer, Ele viveu uma vida incomparável com o grande propósito de revelar a verdade sobre Deus.

Era Seu desejo mostrar quão infinitamente amoroso é o Pai e, por isso, amou toda a gente, incluindo os pequenos. Os discípulos julgavam que o Salvador estava muito ocupado para dispensar atenção às criancinhas. Mas Jesus disse-lhes: «Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a Mim» (Mat. 19:14).

Ele queria mostrar quão infinitamente paciente o Pai é, e, por isso, tratava todos com a máxima cortesia e compreensão, muito embora, bastas vezes, fosse repellido e insultado, em troca. Certa vez os discípulos, perguntaram a Jesus se desejava que eles ordenassem que o fogo do céu viesse consumir os que rejeitavam o Seu amor. Eles supunham que isto seria agradável a Deus. Mas Jesus respondeu-lhes: «O Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las» (Lucas 9:56).

Jesus procurou mostrar que cada detalhe das nossas vidas interessa a Deus. Quando Ele viu o povo com fome, alimentou-o. Quando os doentes O buscavam, Ele curava-os. Certo dia, ao assistir ao funeral do Seu amigo Lázaro, a Bíblia diz-nos que Ele chorou.

A suprema demonstração de amor

Tudo isto levou à demonstração suprema e *final* de carácter de Deus.

Numa Quinta-feira à noite, Jesus foi preso. Foi julgado ilegalmente. Foi acusado falsamente. Foi rudemente insultado. Apesar de todas estas provações, nem uma vez se irou. Deus é assim!

Por duas, Ele foi terrivelmente batido. Durante a noite não pode dormir nem comer. Perdeu Ele a paciência, ainda que por um momento? Não. Deus é assim!

Divertiram-se a esbofetear a Sua cabeça ferida. Ridicularizaram o Seu nascimento misterioso, apodando-O de filho ilegítimo. Alguém adiantou-se e cuspiu-Lhe na cara. Zangou-Se Ele com os que O atormentavam? Não. Nunca. Deus é assim!

Mesmo pendurado no madeiro, suportando a dor da crucificação e as zom-

barias daqueles a quem viera salvar, mesmo quando passava pela indescritível agonia da separação de Seu Pai, Ele continuou a orar: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (Lucas 23:34).

Este é o nosso Deus — todo Ele amor, força, dignidade e compaixão. O Pai é tão amoroso como o filho, pois Jesus disse: «Quem me vê a Mim, vê o Pai» (João 14:9).

Há seis mil anos que Deus trabalha para nos remir, para persuadir-nos a amá-l'O como Ele nos ama. Todos estes anos Ele tem velado de nós a glória da Sua presença para que tenhamos oportunidade de conhecê-l'O melhor.

Em breve todos terão feito a Sua decisão. Nessa altura a glória de Deus brilhará outra vez através da criação. Nesse dia os justos não temerão, mas os ímpios serão destruídos pelo esplendor da Sua vinda (II Tess. 2:8).

«Por uma vida de rebelião, Satanás e todos quantos a ele se unem colocam-se em tanta desarmonia com Deus, que a Sua própria presença lhes é um fogo consumidor. A glória d'Aquele que é amor os destruirá». *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 569, 570.

Isto traz-nos novamente a João 3:16.

«Deus amou o mundo de tal maneira» — Ele não está irado connôco, muito embora sejamos pecadores.

«Que deu o Seu Filho unigénito» — E deu-O para sempre, como prova do Seu amor e como uma lembrança contínua do que Ele fez para restaurar o homem.

«Para que todo aquele que n'Ele crê» — quer dizer, todos os que aceitam a verdade sobre Deus, tal como foi revelada em Cristo e, assim, regressam ao redil da fé e do amor.

«Não pereça» — isto é, não seja consumido pela glória da Sua presença.

«Mas tenha a vida eterna» — Apesar da nossa rebelião e do que isso Lhe custou, Deus deseja que vivamos com Ele para sempre.

Poderíamos nós pedir para ser tratados mais generosamente? E, em troca, o que Deus pede de nós é que O amemos o suficiente para nos submetermos aos Seus caminhos de sorte a tornarmo-nos aptos a viver na Sua presença.

Já não deve demorar muito a vinda de Jesus. Estás pronto para viver pe-

rante a Sua glória? Estás pronto para esse dia?

Terça - feira, 23 de Novembro de 1995

Com Cristo no Santuário Celestial

por Norval F. Pease

O evangelho eterno é muito profundo. Inclui a preexistência de Jesus, que estava com o Pai «antes que o mundo existisse» (João 17:5). Inclui a Encarnação — esse mistério impenetrável pelo qual «o Verbo se fez carne» (João 1:14). Inclui a vida de Jesus — os Seus ensinamentos e os Seus milagres —, e o Seu amor revelado nas Suas palavras e acções. Inclui a cruz onde foi pago o preço pela redenção do homem. Inclui o túmulo vazio porque Jesus foi declarado Filho de Deus em poder «pela ressurreição dos mortos» (Rom. 1:4). Inclui a ascensão de Jesus ao céu e a Sua segunda vinda que foi tão claramente prometida na Sua ascensão (Actos 1:11).

O evangelho eterno inclui ainda outro ponto muito importante para mim e para vós. *Inclui o ministério de Jesus no céu desde a Sua ascensão até à Sua segunda vinda.* Esta doutrina é o evangelho no tempo presente. À sua luz, Cristo torna-se mais do que um carácter histórico. Ele torna-se mais do que a esperança da eternidade para os cristãos. «Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, *vivendo sempre para interceder por eles*» (Heb. 7:25). Esta é uma verdade gloriosa, cheia de significado e conforto para o crente.

Sentes-te fraco e necessitado? Sentes-te tentado e provado? Acaso embaraçaste os fios da vida irremediavelmente? Acaso cambaleias sob o fardo da culpa? Os cristãos hebreus dos tempos do Novo Testamento também passaram por estas experiências. Acostumados como estavam à instituição sacerdotal, Jesus é-lhes apresentado como um Sacerdote e a respeito d'Ele é dito:

«Visto que temos um grande Sumo Sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não

temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno» (Heb. 4:14-16).

O Cristo desses crentes era mais do que um carácter histórico que passou pelo palco da história do mundo; Ele era mais do que o ansiado Messias por vir; Ele era um Sacerdote e Rei *presente, contemporâneo*. Eles podiam chegar-se a Ele «com confiança», podiam «alcançar misericórdia» e «achar graça» em qualquer ocasião, sob quaisquer circunstâncias. Ele era um Cristo vivo, escondido dos seus olhos por algum tempo, mas visível à sua compreensão.

A nossa aceitação por Deus

A acessibilidade de Jesus não mudou absolutamente nada desde aqueles tempos até estes. Do santuário celeste Jesus está derramando sobre os Seus discípulos os benefícios da Sua expiação (Early Writings, pág. 260). Por causa destes benefícios nós podemos ter a certeza da nossa aceitação por Deus, do perdão dos pecados e, finalmente, da imortalidade. «A intercessão de Jesus Cristo no santuário celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da salvação como o foi a Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao Céu, depois de ressuscitar.» (O Conflito dos Séculos, edic. port., pág., 358).

Em termos práticos, isto significa que, na hora da tentação, podemos apelar ao nosso Salvador pedindo-Lhe força e Ele responderá imediatamente ao nosso apelo, se feito em fé. Significa

que as tristezas e os desapontamentos da vida não precisam de nos esmagar porque o Cristo vivo está sempre pronto a capacitar-nos para enfrentarmos os problemas da vida. Significa que os nossos fracassos não precisam de nos derrotar pois há perdão à nossa disposição, se tão somente o pedirmos sinceramente. Significa que não precisamos de cambalear através da vida sem rumo pois a mão divina estende-se para nos guiar.

«Ele está no Seu lugar santíssimo, não numa condição de solidão e austera magnitude, mas sim cercado de milhares e milhares de seres celestiais que esperam para cumprir a ordem do Mestre. E Ele pede-lhes para trabalharem em favor do mais fraco dos crentes que põe a sua confiança em Deus. Altos e baixos, ricos e pobres, a todos o mesmo auxílio é concedido». (*The S. D. A. Bible Comentary*, E. G. White Comments, em Hebreus 9:24, pág. 933).

A sua missão como mediador divino, é a salvação do homem. Ele ganhou o direito de ser mediador do homem morrendo e ressurgindo. Depois de ascender ao Céu, Ele disse à Igreja, por meio de João: «Eu sou o primeiro e o último, e o que vivo e fui morto, mas aqui estou vivo para todo o sempre» (Apoc. 1: 18). Estas são as Suas credenciais como Redentor do homem.

A plenitude da Sua humanidade, a perfeição da Sua Divindade são para nós um terreno sólido onde podemos ser levados à reconciliação com Deus. Foi quando nós éramos ainda pecadores que Cristo morreu por nós. Temos a redenção pelo Seu sangue, e mesmo o perdão dos pecados. As Suas mãos feridas estão estendidas para o Céu e para a terra. Com uma das mãos segura Ele o pecador na terra, e com a outra alcança o trono do Infinito e assim a nossa reconciliação:

Hoje Cristo pôs-Se como nosso advogado perante o Pai. Ele é o único Mediador entre Deus e o homem. Trazendo as marcas da crucificação, Ele advoga a causa das nossas almas.» (E. G. White, carta 35, 1894).

O Cristo vivo é até mais do que um advogado para nós quando estamos em dificuldades. N'Ele está a força para o

crescimento espiritual, afim de que as fraquezas humanas sejam dominadas. «Ora, aquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar...» (Judas 24); e «Posso todas as coisas naquele que me fortalece». (Fil. 4:13).

«A fé na expiação e na intercessão de Cristo nos guardará firmes e inabaláveis em meio das tentações que estão sobre nós como Igreja Militante». (E. G. White em *Review Herald*, 9 de Junho de 1896).

Mas este poder protector de Cristo não deixa de prover às fraquezas humanas. «Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis: e, se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo». (João 2:1).

«Jesus ama os Seus filhos, mesmo se eles erram. Eles pertencem a Jesus, e devemos tratá-los como a aquisição do sangue de Jesus Cristo... Ele guarda os Seus olhos sobre eles, e quando fazem o melhor, clamando a Deus por ajuda, podem ter a certeza de que o serviço será aceite embora imperfeito. Jesus é perfeito. A justiça de Cristo é-lhes imputada, e Ele dirá: Tirai-lhes estes vestidos sujos e vesti-lhes um vestido novo. Jesus completa as nossas deficiências inevitáveis». E. G. White, citado em N. F. Pease, *By Faith Alone*, pág. 241.

Todas estas maravilhosas certezas e promessas estão conjugadas no tempo presente. São elas agora o resultado do amor, do ministério, da mediação do Cristo vivo. Amando homens e mulheres como Ele os ama, e pelos quais Ele pagou um preço tão grande, Ele trabalha constantemente a favor deles. A única limitação que pode fazer por eles é motivada pela falta de fé deles. A Sua mão misericordiosa estende-se constantemente, mas é só quando o homem a atinge pela fé e segura a Sua mão, que ele pode ser elevado acima da atmosfera paralizante do mundo.

Oxalá que esta grande verdade, a fazer mediação de Cristo a nosso favor venha a profunda impressão que deve fazer em nossas almas! Ele tem tudo quanto precisamos — amor, perdão, poder para vencer, paz, alegria, fé e conhecimento profundo. Todas estas bênçãos Ele está desejoso de derramar sobre nós; mas a

Sua liberalidade para conosco é limitada pela nossa falta de submissão a Ele. Esta relação com o Cristo vivo, existe numa base diária. Constantemente Ele bate à porta. Logo que abrimos, Ele entra para abençoar. Revela infinita paciência para com as nossas imperitências, e uma simpatia ilimitada para com as nossas fraquezas. O Seu maior desejo é restaurar, salvar. A Sua atitude é a de um pai dedicado, magnificado, purificado e enriquecido.

Mas há um outro lado do ministério de Cristo no santuário Celeste. Ele preside ali, não só com o mediador, mas como juiz. «O Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo». (S. João 5: 22).

Ele cumpriu uma fase do Seu sacerdócio morrendo na cruz pela raça caída. Está agora a cumprir outra fase advogando diante do Pai o caso do pecador arrependido e despertado na fé, apresentando a Deus as ofertas do seu povo. Tomando a natureza humana e nesta natureza vencendo as tentações do inimigo, tendo perfeição divina, a Ele foi entregue o juízo deste mundo. O caso de cada um será trazido em revista diante d'Ele. Pronunciará as sentenças retribuindo a cada um segundo as suas obras». (*The S. D. A. Bible Commentary*, sobre Heb. 4:16-16, pág. 929).

Uma compreensão acertada de 1844

Este juízo, cuja fase final começou em 1844, muitas vezes tem sido mal compreendido. Não devemos imaginar nosso Senhor envolvido num processo de contabilidade celeste, decidindo a salvação do homem numa base de crédito e débito para sua conta. Qual é o verdadeiro significado da nossa mensagem quando proclamamos a advertência: «Vinda é a hora do Seu juízo» Apoc. 14:17! Qual é a razão do juízo, e qual é o critério em que o homem há-de ser julgado? A resposta é sugerida na seguinte citação:

«Todos os que verdadeiramente se tenham arrependido do pecado e que pela fé hajam realmente reclamado o sangue de Cristo, como seu sacrifício expiatório, tiveram o perdão apostado ao seu nome, nos livros do Céu. Tornando-se eles participantes da justiça de

Cristo e verificando-se estar o seu carácter de harmonia com a Lei de Deus, os seus pecados serão riscados e eles próprios considerados dignos da vida eterna. (O Conf. dos Séculos, pág. 354.)

Toda a ideia deste julgamento — por vezes chamado juízo investigativo — repousa na promessa de que o homem é salvo pela graça de Deus por meio da fé. A salvação não é obtida por decreto divino, nem por resultado da obra do homem. Figurativamente, Deus é descrito como «investigando» para determinar se cada um é salvo ou perdido. Ele procura saber — humanamente falando — até que ponto o indivíduo se arrependeu e «pela fé haja reclamado o sangue de Cristo . . . como sacrifício expiatório». Cada pessoa que preenche estas condições foi perdoada e recebe a justiça de Cristo, a qual resultou num carácter aceitável. Este «juízo investigativo» é tão somente mais uma maneira de descrever a operação do evangelho. É uma expressão gráfica para descrever a necessidade absoluta da fé em Cristo como base da salvação.

O longo período do ministério de Cristo no Céu está a chegar ao seu fim. A Sua mediação continua até ao fim, mas ao mesmo tempo desta mediação começada em 1844, há um julgamento. Cristo tem que Se certificar — uso este termo à falta de outro melhor — que cada salvo merece sê-lo porque aceitou a graça de Deus por meio da fé. Ele tem que revelar a um universo interessado e ansioso a base da Sua exigência nos homens e mulheres que remiu. Ele deve mostrar que a Sua graça renovou os que o aceitaram e que o Seu amor foi reflectido nas suas vidas. Ele deve justificar o Seu perdão para os pecados deles na base da boa vontade deles em perdoar, traço esse de carácter que raras vezes se encontra numa natureza humana não regenerada. Num universo em que milhões estão sossobrando em trevas eternas, Ele deve justificar a Sua eleição para a vida eterna, de todos aqueles que crêem.

Segurança em Cristo

Se há-de haver recompensa e castigo, há-de haver julgamento; e o tempo lógico para o juízo é imediatamente

antes da vinda de Jesus. Nós que o adoramos podemos sentir-nos seguros de saber que o nosso juiz é também o nosso advogado. Aquele que decide o nosso destino deu a vida por nós.

Sendo isto verdade, podemos ter a certeza de que ninguém a quem seja possível a Deus salvar se perderá. Ninguém poderá invocar a negligência divina ou a injustiça. Ninguém se perderá por acidente ou fatalidade fora do Seu controle. *Há segurança em Cristo.* «Porque eu sei em quem tenho crido, e estou bem certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia». (II Tim. 1:12).

O Cristo ressuscitado, nosso Mediador e Juiz é tão real quanto o era quando apareceu a Maria Madalena perto do túmulo, ou aos dois discípulos a caminho de Emaús ou a Pedro na praia.

E tem tanto interesse e desvelo por nós, seus crentes, como quando enxugou as lágrimas de Maria, ou dissipou os temores dos discípulos, resolveu as dúvidas de Tomé, ou perdoou os pecados de Pedro. Agora, sem limite de espaço ou de tempo Ele está apto a satisfazer as necessidades de toda a humanidade, em toda a parte.

John Bunyan, autor do «Peregrino», relata a experiência seguinte:

«Um dia eu estava triste, julgo eu que mais triste do que em qualquer outro momento da minha vida, e esta tristeza fez-me compreender a grandeza e a hediondez dos meus pecados. E, enquanto eu não esperava por mais nada senão pelo inferno e a destruição eterna da minha alma, de repente como o pensamento, eu vi o Senhor Jesus olhar dos céus para mim e dizer-me: 'Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo'».

«Mas eu respondi: 'Senhor, eu sou um grande pecador'. E Ele disse-me: 'A minha graça te basta.' Então o meu coração se encheu de alegria, os meus olhos de lágrimas, e os meus afectos fo-

ram arrebatados para o nome, o povo e o caminho de Jesus Cristo».

Esta experiência pode vir a qualquer que sinceramente ama o Senhor, e Ele não está longe de nós. Ele é o Cristo *vivo*.

Ele bate à porta de cada alma a quem deu vida. Aos jovens e vigorosos Ele diz: «Vem, segue-me», aos velhos e cansados Ele diz: «Eu vos darei descanso.» Aos pecadores Ele diz: «Nem eu te condeno, vai e não peques mais», e aos santos diz: «Vinde benditos de meu Pai».

O Santuário da antiguidade era o lugar dum novo começo. O pecador podia receber perdão e esperança para o futuro. O crente podia receber certeza e conhecimento. Este santuário era um símbolo do céu, do lugar onde Deus, Cristo e os anjos habitam. Sabemos muito pouco acerca deste centro do universo; mas foi-nos revelado que há alguém que habita ali, que há dois milénios tomou a natureza humana para que pudesse salvar a humanidade. A Sua graça redentora irradia deste distante lugar, qual possante e poderoso raio electrónico, dirigido a este mundo necessitado. Esta mensagem do além pode ser detectada por aqueles que possuem fé e pode transformar as suas vidas. E, uma vez que a ligação está feita, as mensagens vão num sentido e noutro — as nossas orações irrompem para o céu e a Sua resposta volta a nós.

Esta é uma disposição gloriosa, mas ela dará em breve lugar a outra ainda melhor. O Mediador virá em breve para reunir os Seus. Ele os levará com Ele, para que eles estejam ali no céu também. Até que este dia chegue, sejamos gratos ao Senhor por nos dar a conhecer que o céu e a terra, embora tão distantes, não estão sem comunicação; e que o amor de Cristo para os Seus é tão grande agora como foi antes e como será pela eternidade...

«Inflexível como o Alto Cedro»

por Anees A. Haddad

«Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra». (Heb. 11:37-38). Estes eram homens e mulheres de Deus que «não amaram as suas vidas até à morte»; homens e mulheres que diferem das massas porque estavam dispostos a morrer pelos princípios que criam. A não ser que uma pessoa tenha alguma coisa pela qual está disposta a morrer, tem muito pouco para viver. A maior necessidade do mundo de hoje é de homens e mulheres com tal fé, visão e a mesma fibra.

Os tempos em que vivemos são tão carregados de maldade e pecado que cada filho de Deus a caminho do céu necessita estar incessantemente alerta. Mesmo os crentes mais piedosos da igreja não podem permitir-se adormecer no seu posto de vigia, porque «ninguém está tão firme nos rectos caminhos que esteja livre das tentações». (*Testimonies*, vol. 7 pág. 166). Para um certo irmão, a Irmã White escreveu: «A vossa salvação depende de agir por princípio, de servir a Deus por princípio não depende dos sentimentos ou dos impulsos». (Ibid, pág. 698). Em tempo algum podem os cristãos abandonar os rectos princípios e estar seguros. Os fiéis mencionados em Heb. 11 atingiram uma tal maturidade na sua experiência religiosa que estavam dispostos antes a morrer do que a sacrificar os princípios. A não ser que os membros da Igreja sinceramente creiam que «aqueles que preferem morrer do que fazer uma acção errada são os únicos que permanecerão fiéis» (ibid. Vol. 5, págs. 53), há perigo que ouçam as palavras: «Apartai-vos de mim», em lugar de: «Vá bem contigo».

Altos Cedros

Daniel «procurou viver em paz com

todos, sendo contudo *inflexível como um alto cedro* quando os princípios eram envolvidos». — *My life today*, pág. 75. Isto é a figura mais adequada para o cristão que toma posição pelos princípios «ainda que os céus caiam». No Salmo 104:16 os cedros do Líbano são chamados «árvores do Senhor... que Ele plantou». De facto, descrevendo Jesus como o noivo, a Bíblia dizia d'Ele: «O Seu parecer é como o Líbano excelente como o cedro» (Cantares 5:15).

Os profetas da Bíblia comparam os fiéis a coisas tais como jardins, fontes, formosos outeiros. O Espírito de Profecia assegura-nos que o majestoso cedro, como símbolo, «é um dos mais notavelmente belos e apropriados que se encontram na Palavra inspirada».

Os cedros «penetram suas raízes profundamente por entre as pedras das montanhas, e erguem-se com ousadia em desafio às tempestades. As suas folhas estão frescas e verdes, quando tudo mais pereceu com o sopro do inverno. Acima de todas as outras árvores, distingue-se o cedro do Líbano pela sua força, firmeza, e seu imperecível vigor; e isto é usado como símbolo daqueles cuja vida 'está escondida com Cristo em Deus'. Diz a Escritura: 'O justo... crescerá como o cedro'...

O cedro é repetidas vezes empregado como emblema da realeza; e o seu uso nas Escrituras para representar os justos, mostra como o céu considera aqueles que fazem a vontade de Deus. «*Patriarcas e Prof.* pág. 475.

Ser verdadeiros aos princípios

Como membros do corpo de Cristo, o nosso apego aos princípios deve ser tão inflexível como o alto cedro. Numa época de fraqueza moral e de depravação devíamos distinguir-nos pelo vigor da nossa fé. Num mundo sem leis e enganoso devemos ser conhecidos pela firmeza do nosso carácter. Tomando

posição pelo que é recto, e preferindo a morte a uma vida de vergonha e pecado, apresentamos o espectáculo ao universo inteiro dum vigor inalterável, porque as nossas vidas estão escondidas «com Cristo em Deus». Que conforto teríamos se nos lembrássemos de que «Deus nunca abandona aquele que é verdadeiro aos princípios». (*The S. D. A. Bible Commentary*, E. G. White Comments em I Crón. 22:13, pág. 1128). Os fiéis de todas as épocas foram fracos e desamparados, tão fracos e humanos como qualquer de nós; mas possuíram dois traços: eram «tão fiéis aos princípios quanto o aço» e «fizeram de Deus a sua confiança». (*Mensagens aos Jovens*, pág. 53). É ali que reside a diferença entre o êxito e o fracasso.

No seu livro «Deixe de se esconder do êxito» Carlos Cerami estabelece um princípio verdadeiro ao dizer: «Lembre-se que a coisa certa a fazer é sempre a mais simples, afinal de contas» — pág. 143. Pode não ser a mais fácil na altura, porque fazer o que está certo muitas vezes cria problemas e dificuldades. Mas os problemas são o carburante do progresso, e sem dúvida é preciso uma dose de coragem cristã para aderir ao que é recto. Contudo, tristemente o constatámos, «poucos têm a coragem suficiente e o domínio próprio para agir por princípio». (*Fundamentals of Christian Education*, pág. 71). A firmeza de princípio devia ser parte integrante do modo de vida diário do Adventista. Ou mantemos os princípios, ou caímos diante do diabo. Haverá oposição — muita oposição. «É ninguém pode ser fiel aos princípios sem excitar oposição» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 273. Pode um cristão permitir-se não ser verdadeiro aos princípios? Não é verdade que quando uma pessoa sacrifica habitualmente os princípios em pequenos pormenores, ela descobre que em breve a distinção entre o que é bom e o que é mau se torna confusa até que desaparece? Os que recusam uma vez ou outra seguir a norma de estrita honestidade rolarão pouco a pouco para o abismo da ruína eterna. Por outro lado, «O Senhor dará graça e glória, não

negará bem algum aos que andam na rectidão». (Salmos 84:11).

Os que quebram os princípios

No mundo de hoje encontramos três categorias de pessoas que quebram os princípios. Primeiro, os que professam ser cristãos e não têm respeito por tais coisas como honestidade, veracidade e justiça. O seu próprio interesse dominante leva-os a desprezar todo o princípio básico da vida piedosa. Estes precisam de ser convertidos à beleza da vida cristã. Eles precisam de provar e ver que o Senhor é bom.

O segundo grupo, é constituído pelas pessoas que nasceram de novo, as quais estão a combater todo o pecado conhecido e mau hábito, mas que na sua fraqueza humana falham ocasionalmente em manter os princípios. Quando verificam que caíram, erguem-se pelo poder do Mestre, o qual prometeu «A minha graça te basta». Estes conhecem a alegria dum vida vitoriosa — êxtase de triunfo sobre o pecado e sobre o Eu. Ao mesmo tempo reconhecem bem a futilidade de depender da sua própria justiça. Seguem para a frente, para o Reino de Deus, guiados pelos eternos princípios cristãos. Eles sabem o que é justo, ainda que poucos o tenham considerado como tal. Humilde e terminantemente, em privado como um público, eles alinham somente por aquilo que é recto. Eles reivindicam a promessa de Cristo: «Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como Eu venci, e me assentei com meu Pai no Seu trono». (Apoc. 3:21). Benditos sejam, pois grande é a sua paz.

O Terceiro é constituído pelos cristãos nominais. Como o camaleão, estão sem cor própria, incertos. Estes consideram as obras tenebrosas e práticas pecaminosas como «males necessários». Quanto mais se tornam negligentes nesta sua maneira de ser, mais lhes parece necessário ser assim, e menos mau parece aos seus olhos.

O perigo para eles e para os outros é extremamente grande. Outros seguem

o seu exemplo e atentam para eles, porque parecem ser virtuosos e piedosos. Tais pessoas são os instrumentos mais valiosos de Satanás, os seus aliados mais seguros. «O mais forte baluarte do vício no nosso mundo não é a vida iníqua do pecador declarado ou do degradado proscrito; é a vida que parece virtuosa, honrada e nobre, mas em que se alimenta um pecado ou se acaricia um vício». *Educação*, pág. 150.

O mundo está cheio de influências que tendem a solapar a energia cristã e fraquejar a experiência espiritual. Sabendo isso, nosso Senhor deu à Sua Igreja mensagem sobre mensagem para ser forte e ter bom ânimo, de permanecer firme, de ser tão fiel aos princípios como a bússola ao polo. O grande apóstolo Paulo formulou igual apelo à Igreja por meio do seu exemplo. Ele aceitou estas palavras proferidas pelo profeta Isaías como o programa da sua vida: Confortai as mãos fracas, fortalecei os joelhos trementes. Dizei aos turbados de coração: esforçai-vos, não temais; eis que o vosso Deus virá» (Isa. 35:3-4). Reparai como Paulo retransmite esta mensagem de tempos a tempos durante a sua vida de serviço. À igreja de Corinto ele escreveu: «Portai-vos varonilmente e fortalecei-vos» (I Cor. 16:13). Durante o seu ministério, este herói cristão devia ter recebido muita inspiração deste majestoso exército de homens e mulheres pelos séculos fora, cuja vida era caracterizada pela coragem, perseverança e fé. Percorreu toda a terra, encorajando os crentes, confirmando as igrejas, visitando os crentes para animá-los a permanecer como os bravos, e ser fortes. Depois de passar algum tempo em Antioquia, «partiu, passando sucessivamente pelas províncias da Galácia e da Frígia, confirmando a todos os discípulos» (Actos 18:23). Esta foi uma das maiores consecuições de Paulo. Somente a eternidade revelará o pleno significado da sua ida por todo o país, com o fim de «confirmar os discípulos».

Muitas vidas têm sido salvas para Cristo porque um cuidadoso chefe deu o ânimo necessário na boa altura! Muitas desições pelo Mestre foram feitas

em hora de provação quando um Paulo moderno aparece em cena dizendo: «Portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos». Pela sua força, pela sua coragem, pelo seu heroísmo, Paulo era acima de tudo um homem de princípios, seguindo as pisadas de Jesus. É a razão pela qual Ele podia dizer sem hesitação». Sede meus imitadores, como também eu de Cristo». (I Cor. 11:1). Ao terminar o seu apelo aos Efésios, Paulo escreveu: «No demais irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do Seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo». (Efes. 6:10-11).

Jesus de Nazaré

Como poderemos então, como geração que deve ver as cenas finais da grande Controvérsia, atingir o nível que nos é fixado? É imperativo reconhecer logo que não é seguro depender da sabedoria humana ao fazer a escolha diária na batalha cristã. Precisamos de alguma coisa segura, que não possa errar, algo eterno e imutável. A palavra de Deus, com o seu ideal e princípio, as suas instruções e normas é a constituição imutável das nossas vidas. Do livro Sagrado recebemos também a inspiração que deriva de contemplarmos como homens e mulheres pecadores como nós, foram capazes de viver para Deus.

Há perigo em querer moldar Cristo para adaptá-lo ao nosso carácter, em lugar de formar o nosso pelo d'Ele. Gibran, um grande filósofo do Líbano escreveu: «Uma vez em cada cem anos, Jesus de Nazaré encontra o Jesus dos cristãos num jardim entre as colinas do Líbano. Conversam ambos demoradamente, e de cada vez Jesus de Nazaré se vai embora dizendo ao Jesus dos Cristãos: 'Meu amigo, receio que nunca, nunca estejamos de adordo». Como é que o genuíno pode concordar com a imitação? Pode o princípio concordar com o compromisso e a conveniência? Podem a justiça e a verdade concordar com a injustiça e o erro? Pode o direito concordar com o torto? Não, eles nunca concordarão. Que tremendo rep-

to para a vida, é a árvore cujas raízes agarram a rocha inamovível que permanecerá erguida, qual majestoso monarca, embora açoitado e ferido.

Jesus de Nazaré é o Príncipe de todos os que são inflexíveis como o alto cedro. Tomemos a determinação, pela sua graça, de aderir aos mais estritos

princípios da verdade, a fim de não nos desviarmos, até nos menores detalhes das transacções da vida. Assim, quando os ventos soprarem com fúria nos nossos ramos, quando a tempestade fustigar, seremos como os heróis de Hebreus 11, fortes como o altos cedros.

Quinta-feira, 25 de Novembro de 1965

Não me envergonho do Evangelho

por Paul H. Eldrige

A pequena noiva etíope olhou seriamente o rosto dos parentes do seu marido que se juntavam em volta dela. O que ela via não era muito animador. Alguns mostravam interesse, outros pareciam zombar. Pela maior parte ela era olhada com surpresa.

«O povo vai dizer que és doida, Mulunesh! Não sabes que alguém recém-casada não deve aparecer na presença de outros por muitos meses?».

Mulunesh baixou os olhos. Mais alguém falou, suavemente, mas com intenções óbvias: «Os cânticos que estais a cantar são muito bonitos; e é muito interessante o que lês no Livro. Mas não tens vergonha de aparecer diante de nós?»

Abrindo o Livro que tinha na mão, Mulunesh virou rapidamente as páginas. Então, numa voz clara ela leu: «Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo: é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê».

Ela tinha um modo tão cativante que os parentes do marido perdoaram-lhe a quebra do período de seis meses de reclusão devido a uma noiva. Todos os dias eles se juntavam à roda dela enquanto ela cantava hinos que falavam do Evangelho, lia a Bíblia e contava a história de Jesus. Mulunesh tinha sido criada num lar adventista. Ela tinha instruído Wachido, seu marido, na mensagem, antes do seu noivado e ele foi baptizado antes do casamento. Agora, impressionada com o seu fervor e pelo seu modo de vida tão cristão, a família do seu marido também aceitou a Jesus.

Este novo pequeno lar tornou-se uma igreja. Mulunesh cantava para os que se juntavam, e Wachido lia a Bíblia. «Os teus cânticos trouxeram-nos das trevas para a luz», disseram os 30 crentes que em breve se reuniram. Pouco mais de um ano depois, o pastor Gebre Kristos, da Missão Etíope do Sul, baptizou 25 destes. Na altura em que ele escreveu esta história, 40 mais se estavam a preparar para o baptismo, todos como resultado da luz elevada bem alto por aquela noiva etíope que «não se envergonhava do Evangelho de Cristo».

Ao ouvir as palavras: «Não me envergonho do Evangelho», podemos chamar uma onda de testemunhas que alegremente testificam a verdade de que — o Evangelho de Cristo é o poder de Deus para a salvação.

A evidência vem em forma de história vinda à volta de todo o mundo. Histórias verdadeiras que sublinham o poder único do Evangelho a penetrar barreiras, para recompor vidas, para conceder desassombro da coragem, e inspirar paixão vibrante para o serviço.

Para Damiano Sandim, a barreira era a superstição. A sua história é contada pelo Pastor P. P. Ramos. Damiano vivia num lugar isolado da ilha de Mindanao, nas Filipinas. Era um adorador da natureza. Os seus deuses eram ídolos em forma de pássaros, feitos de madeira e pedra. Uma noite Damiano teve um sonho. Do meio de uma luz muito brilhante, ouviu a voz de Deus: «Deves procurar a verdadeira religião», disse a voz; e quando acordou, Damiano perguntou a si mesmo como havia ele de a procurar. Então alguém colocou nas suas mãos as primeiras lições do Curso Bíblico por correspondência da «Voz da Profecia». Alguns meses depois, convencido que ele tinha achado a verdadeira religião, foi baptizado pelo Pastor Severino Tangial, e agora é membro da Igreja Adventista de Kalasungay.

Com a menina Seelawthie Premaratne a barreira era uma piedosa crença na religião budista. Quando entrou no Instituto de Ensino de Lakpahana, a nossa escola superior no Ceilão, tinha tomado a determinação de que nunca se tornaria cristã.

Ainda agarrada a esta determinação, ela mudou-se para o Giffard Memorial Hospital em Nuzwd, no sul da Índia, para estudar enfermagem. Ali, a vida piedosa das suas colegas e instrutoras começou a fazer-lhe impressões. Através deste testemunho silencioso, o poder do Evangelho penetrou para além das barreiras e Seewthie deu o seu coração a Jesus. O Pastor E. C. Beck conta como, apesar da grande oposição da sua família, ela abraçou a fé; casou com um técnico de labo-

ratório, e agora ela e o seu marido, J. S. Rajah, são obreiros no Centro Médico de Kandy, Ceilão.

O sonho de Simão

Temos agora, Simão, um rapaz de 18 anos, de Manakwari, West Irian, cuja história é contada pelo Pastor Gilbert Oliver. Simão trabalha na fazenda da nossa missão. Uma noite teve um sonho em que ele se encontrava estudando a Bíblia com o pai, a mãe e dois rapazes que ele não conheceu. Quando acordou, achou que devia fazer como ele tinha visto que fazia no sonho — achar estas pessoas e estudar a Bíblia com elas. Indo encontrou o rapaz que reconheceu ser um dos do sonho. Ele o reteve e começou a conversar.

«Meu nome é Simão, e gostava de conhecê-lo».

«Engraçado», respondeu o novo amigo. «Meu nome também é Simão!».

«A noite passada tive um sonho fora do comum», disse o Simão n.º1, «E o meu amigo é uma das pessoas que vi no meu sonho. Estávamos a falar acerca da Bíblia».

O Simão n.º2 parou e olhou espantado para o seu novo amigo. «E eu, também tive um sonho na noite passada. Sonhei que um rapaz vinha ter comigo na rua e começava a falar-me da Bíblia. Foi por causa deste sonho que vim à cidade hoje». Assim o Simão n.º2 ingressou na classe baptismal. Esperamos que o Simão n.º1 possa trazer os seus pais para a verdade e que achará ainda o outro rapaz não identificado que viu no sonho.

Efeito do Evangelho na América Latina

Glória Cântara é uma heroína do Evangelho. A sua história é contada pelo Pastor A. R. Norcliffe, presidente da União das Antilhas.

Glória, que tem apenas 13 anos, vive na República Dominicana. Frequenta uma escola sabatina anexa dirigida pela Sr.ª D. Encarnación na cidade de S. Juan de la Maguana. Os seus irmãos e irmãs tentaram retê-la em casa escondendo-lhe a roupa e os pais faziam-lhe muita oposição. Um dia o pai veio ao lugar da reunião e arrastou-a brutalmente para fora da escola sabatina. Uma outra vez ameaçou matá-la. Mas Glória disse simplesmente: «Jesus morreu por mim». Finalmente, vendo que as ameaças não serviam de nada, o pai cedeu, e Glória foi baptizada. Presentemente, está a estudar no nosso colégio de S. Domingos.

Agora é a vez de Manuel Quilca, da Bolívia. Pouco depois do seu baptismo, enquanto estava a trabalhar no quintal da sua casa foi atacado por uma multidão enfurecida que o apedrejou e lhe bateu com paus. Embora muito ferido, sobreviveu. Mais tarde tornou-se obreiro, e de então até agora, duas vezes teve que enfrentar a fúria da multidão. Uma destas multidões incendiou-lhe a casa enquanto o povo batia nele e na sua esposa quase até à morte. A sua filha de cinco anos pereceu no incêndio.

E agora, o que diz o Manuel? Ele escreve: «Estes incidentes não me assustaram, mas an-

tes pelo contrário encheram-me de coragem. Eu estou pronto a continuar combatendo para que a Obra de Deus possa avançar e a vinda do Senhor abreviada». Manuel Quilca «não se envergonha do Evangelho!»

É uma coisa maravilhosa — este «poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê». Não para de trabalhar quando o próprio indivíduo aceitou a Cristo. Não somente faz dum novo cristão um combatente corajoso contra os assaltos de Satanás; também enche-o da paixão de procurar os que precisam de auxílio.

Redson de Malamulo

Da Professora W. W. Gill, do Colégio de Malamulo, na Niassalândia, em África, vem uma história que ilustra como o Evangelho tem poder para lançar uma ponte sobre o grande abismo entre a mesquita maometana e a verdadeira igreja de Deus. É a história de Redson Mpita. Redson é o filho mais velho dum homem que em tempos desempenhou uma posição de relevo na mesquita maometana. Apesar dos protestos dos seus pais ele inscreveu-se na escola adventista onde trabalhava arduamente para ganhar os seus estudos. Finalmente foi baptizado, e assentou na sua mente tornar-se obreiro na Obra do Senhor. Foi nesta altura que recebeu uma mensagem dos seus pais.

«Por favor, volta para casa», diziam — «Não te vimos por muitos anos. Nem sabemos como pareces depois de crescido. E tu não sabes como as coisas vão por aqui. Por favor, volta para casa».

Redson sabia que se regressasse a casa, poderia nunca mais voltar ao Colégio de Malamulo. «Eu não posso ir», respondeu ele, «a viagem custar-me-ia muito dinheiro, e não há trabalho aí na aldeia onde eu possa ganhar o que preciso para seguir o meu curso».

Deus abriu o caminho para Redson ir a Malamulo. No fim tornou-se professor. Começou depois a preocupar-se bastante a respeito dos seus pais e de outros membros da família. Numas férias recebeu a permissão de ir pregar o Evangelho na sua aldeia natal. Ficou com os seus pais. A mãe e as irmãs responderam à sua mensagem mas o pai, embora parecesse crer, não podia convencer-se a abandonar a sua alta posição na mesquita.

Um dia Redson sentiu-se impellido a ter uma conversa muito a sério com o pai.

«Pai, não quer aceitar a oferta da salvação?» perguntou ele. «Não quer pedir a Deus para o perdoar e salvar? O que deseja ser quando a vida terminar? Onde deseja estar durante a eternidade? Nós o amamos, e queremos estar no reino dos céus, mas queremos que esteja também connosco».

Deixando o pai pensar maduramente neste assunto, Redson saiu, procurou um lugar sossegado, e orou com muito fervor. Quando voltou, o pai disse-lhe: «Já tomei a minha decisão. Eu também quero ser cristão».

Na vez seguinte que Redson voltou à terra foi para assistir ao baptismo de seu pai, da mãe, das irmãs e dos cunhados — todos ganhos do maometismo. Redson Mpita «não se

envergonha do Evangelho de Cristo» e dedicou a sua vida a trabalhar a favor dos seguidores da religião maometana.

Urbano Castillo, de Mindoro

Como se poderia explicar de outra forma as realizações de Urbano Castillo? O irmão Castillo vive na ilha de Mindoro, nas Filipinas. Adventista do Sétimo Dia, é um leigo, trabalha como técnico-dentista. Vivendo numa área em que não há muitos dentistas, ele faz quase tudo o que um dentista pode fazer. É a sua maneira de ganhar vida, mas dificilmente se pode chamar a isto a sua carreira. Porque o irmão Castillo é um dedicado ganhador de almas. De pequena estatura, não faz grande impressão à primeira vista; é, contudo, entre os evangelistas não oficiais das Filipinas, o mais eficiente. O irmão Castillo tem agora a idade de 67 anos, mas já viu mais de 900 dos seus convertidos a Cristo baptizados na Igreja Adventista!

O poder único do Evangelho

Numa recente visita à Tailândia, achei uma história que inclui quase todos os factos do poder único do Evangelho. Foi na cidade de Chiang Mai, a três horas de avião de Bangkok. Aí temos uma excelente clínica dentária moderna dirigida pelo Doutor M. Clark Lamberton, que tem a esposa por assistente. A clínica está a fazer uma obra maravilhosa, mas não foi aí que encontrei a história. Esta veio em pequenos fragmentos que pareciam sem nexos. O primeiro que eu vivi foi quando, a caminho do aeroporto, a senhora casualmente fez o reparo: «Temos em casa um bebé de três meses que é viciado de ópio». Um viciado de ópio aos três meses?

Alguns minutos mais tarde vimos o bebé. Era uma coisa pequenina terrivelmente magra, mas chupando um biberon de bom leite. Parecia estar a fazer-lhe muito bem. O pai do bebé, da tribo Mao das montanhas, cuja esposa tinha morrido algumas semanas atrás, era um fumador de ópio. Tinha pedido ao Dr. Lamberton para o ajudar a quebrar o hábito e, depois de uma luta terrível, conseguiu-o. Agora tinha trazido o bebé. Os Lambertons não sabiam o que estava bem naquela criancinha, mas em dois ou três dias, manifestou exactamente os mesmos sintomas que se observam nos adultos que procuram lutar contra o vício do ópio.

Desconfiados, perguntaram ao pai: «Deu ópio ao seu bebé?» Este baixou a cabeça. «Ele

gritava tanto, e eu estava tão triste, que quando fumava o meu ópio, soprava o fumo para a cara do bebé. Então ele deixava de chorar...

Era quase uma tragédia. Mas agora, tanto o pai como o filho estão livres da maldição do ópio. Gradualmente eu fui capaz de pôr em ordem os acontecimentos da história. O povo da tribo Mao ganha a vida cultivando as flores do ópio. Muitos dentre eles se tornam viciados, quase por via de regra. Mas ouviram falar da bondade do Dr. Lamberton. O primeiro a vir mendigar ajuda foi um ferreiro, cuja força foi gasta por aquele hábito horrível. Com uma oração no seu coração, o Dr. Lamberton iniciou uma tarefa colossal. Ele disse ao homem quão duro isto iria ser. Fez-lhe reparar que os maus espíritos que a tribo adorava procurariam mantê-lo escravo do ópio, mas que o grande Deus do Céu podia ajudá-lo. E Deus o ajudou realmente. Este homem curou-se.

Quando este ferreiro voltou para a sua tribo, forte e limpo, a notícia correu. Logo o Dr. Lamberton teve um grande número de pessoas que queriam ser curadas do hábito do ópio. Estabeleceu um sistema regular, que principiava por certificar-se de que eles entregavam toda a porção de ópio que traziam consigo. Então, insistindo para que ficassem no território da missão, até que ele lhes desse alta, o Dr. Lamberton usava a persuasão, a psicologia, calmantes e a maravilhosa graça de Cristo para acompanhá-los nas terríveis agonias da retirada do vício. O sistema teve êxito. 16 viciados foram curados, um foi baptizado, e vários mais estão a pedir o baptismo.

Estando a história a chegar ao seu epílogo, pensei: Que ilustração maravilhosa do poder do Evangelho! Poder para penetrar o muro da superstição; poder para quebrar as grielhetas do vício do ópio; poder para transformar o rude povo das montanhas em filhos do Rei Celeste; poder para inspirar um dentista cristão a ir muito além da sua tarefa prescrita, para responder ao repto duma grande necessidade.

A estas histórias poderia acrescentar-se ainda um vasto coro de vozes; dando todas testemunho eloquente do poder transformador de vida da mensagem celestial. E não teremos todos nós sentido um movimento misterioso nestas forças divinas? Já sentistes este poder? Não quereis repercutir alegremente o eco do grande grito de confiança do apóstolo: «Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo: é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê?»

Para que o vosso gozo seja completo

por John H. Hancock

«Venha, a água está tão boa!» Quantas vezes estas palavras foram ditas por um banhista para alguém de pé na margem, que hesita a dar o seu mergulho. Este é um convite tranquilizante ao recém-chegado quando ele receia que a água esteja muito fria, e fica apenas a ver os outros gozar o seu prazer. O banhista já está na água e sente o bem que sabe. Porque será que o outro na margem ainda espera?

Através dos tempos o convite tem vindo, formulado por aqueles que beberam da água da Vida. «Provai e vêde que o Senhor é bom» (Sal. 34:8). Isaías proclama: «E vós com alegria tirareis água das fontes da salvação» (Isa. 12:3).

David e Isaías podiam ter dito: «Vinde, bebei água da fonte da salvação, a água é tão boa»!

Este é o testemunho dos cristãos em todas as eras; a vida piedosa é uma vida de grande alegria, «Os que em todas as coisas consideram Deus o primeiro, o último e o melhor, são as pessoas mais felizes do mundo.» (*Mensagens aos Jovens p. 38*). O cristianismo não é um monte de proibições. Não é um desmancha prazeres. A profissão de servir a Cristo inclui a posse do Salvador que enche a alma de paz e de alegria como o mundo não pode dar.

Ouçam o Mestre dizer: «Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância» (João 10:10). «Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo» (João 15:11).

Conta-se a história de que Miguel Ângelo uma vez visitou o estúdio do jovem Rafael, o qual também se tornou um grande artista. Ao observar um desenho de Rafael, Miguel Ângelo tomou giz e escreveu sobre o esboço a palavra «*amplius*», o que significa «maior, mais amplo». Ele sentiu que o desenho

precisava de maior profundidade e mais perspectiva.

Independentemente de quão grande ou próspero um homem possa ser quando medido pelo padrão humano, ele nunca pode alcançar a vida abundante sem o Senhor Jesus Cristo. Falta-lhe a profundidade de perspectiva, paz de consciência, esperança da vida eterna. Se um homem tem Cristo, tem tudo, mas sem este companheirismo, não tem nada. Através de cada vida Deus gostaria de escrever: «*amplius*».

Que tragédia que tantos estejam ainda «pregados» na margem e nunca entrem «no banho» do Cristianismo. São ainda espectadores, talvez fazendo o reparo: «A água está muito fria» ou «tenho medo de experimentar». Alguns podem ter posto o dedo do pé na água, e depois retiram-no, pensando lá para com consigo: «Não é para mim»!

Uma caricatura apareceu recentemente numa revista popular retratando um estudante universitário que se tinha envolvido no sistema de liberalismo de Tillich, e da demitologização da Bíblia. O estudante exclama: «Isto aborrece-me intimamente; aqui estou a revoltar-me contra o Cristianismo, e não conheço uma palavra acerca dele»!

Isto nos faz sorrir, mas será que todos nós, que temos os nossos nomes nos registos da igreja, saberemos realmente o que significa beber com alegria da fonte da salvação? Teremos experimentado na nossa vida que o Senhor é bom e que o poder do Evangelho para salvar é, no mesmo alto grau, uma realidade? Podemos louvá-lo e dizer: «Ele vestiu-me com as vestes da salvação, Ele cobriu-me com o manto da Sua justiça? Ou ter-nos-emos apenas contentado em ouvir o testemunho dos que estão no «banho», enquanto temos procurado felicidade nas actividades e concessões ao longo da margem, em pra-

zeres transitórios que muitas vezes acabam em ansiedade e frustração?

A procura da felicidade no caminho errado

Na nossa busca da felicidade temos sido vitimados pela sociedade do materialismo da idade do jacto. A base da felicidade parece depender do grau em que pertencemos aos «que têm» ou aos «que não têm». A economia na «Grande Sociedade» está baseada num consumo crescente de engenhocas, alimentos caros, televisão, viagens, embalagens especiais e «coisas». Os fabricantes de automóveis sabem que o povo tem o desejo insaciável de comprar um carro de um novo modelo antes que o velho se torne realmente ridículo. Como era nos dias de Noé, quando o coração do homem era «só mau continuamente», até o sexo se tornou objecto de preocupação obsidiante e confusa nesta corrida furiosa para uma felicidade fugidia. Crescendo num mundo como este, a juventude acha difícil avaliar os verdadeiros valores da vida. Uma adolescente escreveu esta carta para Abigail Van Buren:

«Querida Aby,

«A felicidade é ter o seu próprio quarto... Felicidade é obter num instante a chamada telefónica que marcaste... Felicidade é ser incluída no círculo popular... Felicidade é saber que se está tão bem vestida como qualquer outra. Felicidade é uma coisa que eu não tenho».

Assina: «Quinze-anos-e-Infeliz»

Esta carta de uma jovem de 15 anos reflecte bem o espírito materialista da nossa época. O gozo do serviço e uma vida de alegria em Jesus estavam longe dela. Outra adolescente, entretanto, ao responder a esta jovem, expressou uma filosofia da vida muito diferente:

Querida «Quinze-anos-e-Infeliz»,

«Felicidade é compreender que algumas vezes não recebemos aquilo por que oramos porque pode não ser bom para nós. Felicidade é introduzir alguém solitário e pouco popular no nosso círculo. Felicidade é manter a nossa rou-

pa limpa e bem passada e não nos preocuparmos se os outros estão ou não «melhor vestidos». Felicidade não é algo que recebemos. É algo que damos».

Assina: «Quinze-anos-e-Feliz»

Bom é cada um de nós perguntar a nós mesmos: «Estou eu amarrado àquilo que as minhas mãos fizeram»? Está a minha felicidade dependente de encontrar os objectos convenientes ou as pessoas certas? Se todas as coisas materiais que eu possuo tivessem que desaparecer, será a minha confiança em Deus tão forte que eu possa resistir á t tormenta? Terei eu andado tanto no campo do materialismo que me tornei moralmente estéril e frustrado interiormente?

Deus não nos prometeu que estaríamos livres de dificuldades, mas Ele pode encher tão completamente o coração humano que podemos estar livres de aborrecimentos, ansiedades e desassossego. A nossa confiança está num Deus que é bastante grande para manter o insondável universo em união, e ainda suficientemente pequeno para notar que o mais pequeno passarinho caíu. «A perfeita caridade lança fora o temor» (I João 4:18).

Os cristãos podem achar contentamento e segurança na sua relação com o Salvador, porque eles sabem que «Nosso Pai celeste tem mil maneiras de nos prover as necessidades, das quais nada sabemos. Os que aceitam por princípio fazer o serviço do Deus supremo, verão desvanecidas as perplexidades e terão um caminho plano diante de si». *A Ciência do Bom Viver*, pág. 430.

Cristo retirou o enfado da religião

Cristo retirou o enfado da religião, e removeu as tradições opressivas que escureceram a mente dos homens por séculos. Ele revelou em si mesmo a plenitude da Divindade—um Deus desejoso que as Suas criaturas achem prazer na Sua dextra perpétuamente. É verdade que o nosso Mestre era homem de dores, experimentado nos trabalhos. Ele estava carregado com o peso do mundo. Satanás estava sempre

no seu encaço. Nunca esqueçamos, contudo, que Ele Se deleitava em fazer a vontade de Deus e que Ele tinha uma radiante personalidade que atraía as criancinhas. Foi logo antes de beber o cálice amargo no Getsêmane que Ele proferiu estas magnas palavras: «Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo». (João 15:11). Este gozo não depende das circunstâncias.

Também é importante reconhecer que a alegria do cristão não é reservada só ao mundo do porvir. Assegurou a Pedro, quando os discípulos meditavam, no sacrifício aparente do pequeno grupo dos seguidores de Jesus, em abandonar tudo e seguir o Mestre, de que havia uma grande recompensa até já nesta vida. «Em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do Evangelho, que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, irmãs, e mãe e filhos, e campos, com perseguições; e no século futuro a vida eterna.» (Marcos 10:29-30).

Pensamos que é muito bom se neste mundo materialista, recebemos 4,5 ou 5% de juros do nosso depósito. Mas Cristo prometeu-nos cem vezes mais em troca. Peguem na caneta e calculem a quanto se eleva a razão do juro: ficarão admirados de achar que cem vezes mais é 10.000% de juro! Estes são os maiores certificados de aforro jamais oferecidos — um título auferindo 10.000% de interesse nesta vida, e alegria infindável na vida eterna.

Não é de admirar que Cristo prometa «para que o vosso gozo seja com-

pleto»! Teremos vida, e tê-la-emos com abundância. Cristo torna-se a resposta de todos os nossos problemas e o centro de toda a actividade. «Quando o olhar se fixa n'Ele, a vida encontra o seu centro. O entusiasmo, a devoção generosa, o apaixonado ardor da juventude encontram aqui o seu verdadeiro objectivo. O dever torna-se um deleite e o sacrifício um prazer. Honrar a Cristo, tornar-se semelhante a Ele, trabalhar por Ele, será a mais elevada ambição da vida e a sua máxima alegria» *Educação*, pág. 297...

Porque não «provar e ver que o Senhor é bom»? Bebei a longo trago das fonte da salvação. «O Espírito e a esposa dizem: vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida.» (Apoc. 22:17).

Àqueles que nunca aceitaram a Jesus e ainda não se juntaram à Igreja pelo baptismo, aqui está um convite à felicidade e companheirismo com o Salvador e os crentes. Vinde, entrai! Deixai os vossos pecados e as vossas desilusões por não encontrardes um tesouro ilusório; dai o vosso coração a Jesus. «Quando vos entregais inteiramente a Deus, quanto chegardes a cair quebrados aos pés de Jesus, então sereis recompensados por uma vitória, e sentireis uma alegria ainda nunca experimentada.» *Testimonies*, Vol. IV p. 220.

Ao entrar no conflito final, possamos nós ser capazes de dar o testemunho: «Regozijar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me vestiu de vestidos de salvação, me cobriu com manto de justiça» (Isaías 60:10).

Sábado, 27 de Novembro de 1965

Sai do meio deles e apartai-vos

por Ellen G. White

A verdade como ela está em Jesus tem brilhado com grande fulgor sobre o povo de Deus. Mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, um pouco aqui um pouco ali, a verdade foi dada. Mas a luz que tivemos o privilégio de apreciar não foi devidamente esti-

mada e posta em prática na vida diária. Por esta razão há tão pouco poder entre nós no momento presente.

Muitos estão a inquirir: «Porque será que temos tão pouca força? Será que os céus estão cerrados? Será que não há preciosas bênçãos

guardadas para nós? Será porque o manancial das bênçãos está esgotado e assim não mais as receberemos? Porque será que não temos toda a luz do Senhor? Aquele que foi um homem de dores, experimentado nos trabalhos, ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades habita num lugar alto e sublime e a glória do Seu séquito enche o templo. Porque esta glória é retida longe daqueles que habitam num mundo de pecado e dor, dificuldades e tristezas, corrupção e iniquidade?»

A dificuldade está em nós. As nossas iniquidades separam-nos de Deus. Não estamos cheios porque não sentimos a nossa necessidade; não temos fome e sede de justiça. A promessa é que se temos fome e sede de justiça *seremos cheios*. A promessa é para vós, meus irmãos e irmãs São almas sedentas e famintas que serão cheias.

Podemos ir a Cristo assim como estamos, nas nossas fraquezas, com as nossas lacunas e imperfeições, e oferecer as nossas petições com fé. Apesar dos nossos erros, das nossas quedas contínuas, a voz do longânimo Salvador convida-nos: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.» Aos necessitados, aos fraquejantes, aos encurvados debaixo do fardo dos cuidados, das perplexidades, o convite é: Vinde. É glória para Cristo apertar-nos nos Seus braços de misericórdia e amor, ligar as nossas feridas. Ele simpatizará com os que precisam de simpatia, e fortalecerá os que precisam de forças...

Muitos professores cristãos estão bem representados pela vinha que rasteja pelo chão, e que enrola as suas gavinhas pelas raízes e dejectos que jazem no caminho. Para tais a mensagem que vem é: «Saí do meio deles e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada de imundo, e eu vos receberei; e eu serei para vós Pai e sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.»

Condições para a bênção de Deus

Há condições a preencher se desejamos ser abençoados e honrados do Senhor. Temos que separar-nos do mundo, e recusar tocar tais coisas que separam as nossas afeições de Deus. Deus tem o primeiro e mais alto direito sobre o Seu povo. Ponde as vossas afeições n'Ele e nas coisas celestiais. As vossas gavinhas devem ser arrancadas das coisas terrenas.

Sois exortados a não tocar coisas imundas; porque tocando-as, vós mesmos vos tornareis imundos. É impossível para vós unir-vos àqueles que são corrompidos e ainda permanecer puros. «Que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial?» Deus, Cristo e as hostes celestiais gostariam que o homem soubesse que se ele se une com os corrompidos ele se tornará corrompido. Ampla provisão foi feita para que fôssemos erguidos dos baixos da terra e que as nossas afeições fossem concentradas sobre Deus e sobre as coisas celestiais.

Porventura a separação do mundo, em obediência à ordem divina nos desqualificará para a Obra que o Senhor nos deixou para fazer? Esta separação nos impedirá de fazer bem aos que estão à nossa volta? — Não; quanto mais apego tivermos ao Céu, maior será a nossa capacidade de ser útil. Devemos estudar o Plano estabelecido, para que o Espírito que habita em Cristo possa habitar também em nós.

O Salvador não se achava entre os exaltados e honrados pelo mundo. Não gastava o seu tempo entre aqueles que procuravam os seus prazeres e conveniências. Trabalhava para ajudar os que precisavam de ajuda, para salvar os perdidos e os que estavam a perecer, para levantar os abatidos, quebrar o jugo da opressão dos que estavam escravizados, a curar os angustiados, para dirigir palavras de simpatia e consolação aos desamparados e sofredores. Requer-se de nós que sigamos o seu exemplo. Quanto mais partilharmos o espírito de Cristo, mais trabalharemos a favor dos nossos semelhantes. Seremos uma bênção para os necessitados e um conforto para os desamparados. Cheios de amor para as almas a perecer, acharemos deleitoso seguir as pisadas da Majestade do Céu.

As condições de Deus estão postas claramente diante de nós; a questão posta é esta: poderemos nós cumprí-las? Aceitaremos as regras estabelecidas na Sua Palavra — a separação do mundo? Isto não é obra de um momento ou de um dia. Não é cumprida ajoelhando-nos no altar da família e fazendo uma mera oferta de lábios, ou por exortação pública ou oração. É obra de uma vida. A nossa consagração a Deus deve ser um princípio vivo, urdido no tear da vida e levando à renúncia-própria e ao sacrifício de si mesmo. Ela deve apoiar todos os nossos pensamentos e ser dinâmica em cada acção. Isto nos elevará acima do mundo, e nos separará da sua influência corruptora...

O tempo da prova chegou ao fim

A provação está quase a terminar. No céu em breve a sentença soará: «Está feito». «Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. Eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.» Logo que a última oração em favor dos pecadores for terminada, a última lágrima vertida, a última advertência dada, a última súplica dirigida, a doce voz de misericórdia não mais se ouvirá.

É por isso que Satanás está a fazer esforços tão poderosos para prender homens e mulheres nas suas armadilhas. Desceu com grande ira, porque sabe que tem pouco tempo. A sua tarefa especial consiste em segurar professos cristãos nas suas fileiras, para por eles perder muitas almas. O inimigo está a jogar o jogo da vida para cada alma. Ele está empenhado em remover de nós tudo o que é de natureza espiritual, e em lugar das preciosas graças de

Cristo encheu os nossos corações com maus traços de natureza carnal, ódios, más suspeitas, ciúmes, amor ao mundo, amor ao eu, amor dos prazeres e a soberba da vida. Precisamos de ser fortalecidos contra o insidioso adversário, que está operando todo o engano e injustiça naqueles que perecem; porque a menos que estejamos a vigiar e orar, estes males entrarão na alma e perturbarão tudo o que é bom.

Muitos que professam crer na Palavra de Deus não parecem compreender a obra enganadora do inimigo. Não vêem que o fim do tempo está próximo; mas Satanás bem o sabe; e enquanto os homens estão a dormir, ele trabalha. A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida estão a controlar hoje homens e mulheres.

Satanás está a trabalhar mesmo entre o povo de Deus para causar desunião. O egoísmo, corrupção e males de toda a espécie tomam um domínio firme sobre os corações. Muitos negligenciam a preciosa Palavra de Deus. Novelas ou literatura duvidosa prendem a atenção e fascinam a mente. O que excita a imaginação é avidamente devorado, enquanto a Palavra de Deus é posta de parte.

É porque eles subestimavam a Palavra de Deus que a nação judaica rejeitou a Cristo, pedindo que um salteador fosse libertado e que o Príncipe da vida fosse crucificado. E nestes últimos dias cristãos professos cometem o mesmo pecado: Pesados na balança estão achados em falta porque permitem que a sua mente seja sobrecarregada de coisas sem importância, enquanto a Verdade eterna é desprezada. A Verdade de Deus, que poderia elevar, santificar e aperfeiçoar, dar aos homens os últimos retoques em vista da imortalidade, é posta de parte a favor de coisa de menor importância. Oh, que esta cegueira possa desaparecer, e que os homens compreendam a obra que Satanás está a cumprir entre eles!

Tempo de andar com Deus

É nosso privilégio ter sobre nós a luz do Céu. Foi assim que Enoque andou com Deus. Não era mais fácil para Enoque viver uma vida de justiça do que o é para nós no momento presente. O mundo no tempo dele não era mais favorável ao crescimento em graça e santidade do que o é agora. Foi pela oração e comunhão com Deus que Enoque foi tornado apto a escapar à corrupção produzida no mundo pela concupiscência. Estamos a viver os perigos dos últimos dias, e devemos receber a nossa força da mesma fonte. Devemos andar com Deus.

Requer-se de nós uma separação do mundo. Não podemos permanecer livres da sua poluição a não ser que sigamos o exemplo do fiel Enoque. Mas como tantos são escravos da concupiscência da carne, da concupiscência dos olhos, e da soberba da vida, não são participantes da natureza divina, e portanto não podem escapar da corrupção que está

no mundo por esta mesma razão. Vivem para servir e honrar o seu eu. A sua preocupação constante é: Que quero? Que beberei? Como me hei-de vestir?

Falais de sacrifícios, mas não sabeis o que significa sacrifício, nem dele provastes o primeiro trago. Falais da Cruz de Cristo, professais a fé; mas não tivestes experiência em exaltar a Cruz e levá-la seguindo o Senhor. Se fôsseis participantes da natureza divina, o Espírito que habita em Cristo habitaria em vós. A Sua ternura e amor, a sua compaixão manifestar-se-iam na vossa vida. Não espereis então que necessitados e desafortunados sejam trazidos junto de vós. Não precisais de ser solicitados para sentir as dores alheias. Devia ser tão natural para vós ministrar aos necessitados como era para Cristo andar a fazer o bem.

Os que professam a religião de Cristo devem compreender a responsabilidade que lhes cabe. Deviam sentir que é um trabalho individual, uma pregação de Cristo individual. Se cada um realizasse isso e empreendesse com firmeza a obra, seríamos poderosos como um exército com bandeiras. A Pomba celestial estaria pairando sobre nós. A luz da glória de Deus não seria mais velada para nós do que o foi para o piedoso Enoque.

A ordem é dada: «Saí do meio deles apartai-vos». Mas não vos pertence dizer: Não tenho nada com o meu vizinho. Ele está sepultado no mundo; não sou o guarda dele. Precisamente em razão dele estar no mundo tendes alguma coisa a dizer-lhe. A luz vos foi dada; não deveis escondê-la debaixo do alqueire. Não foi dada exclusivamente para vós. Que a vossa luz brilhe diante dos homens, tal é a ordem. Deixá-la-eis brilhar?

Está entendido que crêdes que o Sétimo Dia é o Sábado, que crêdes que a Vinda do Senhor está breve; mas que bem fará isso a seu próximo se não puserdes em prática estas crenças na vossa vida diária? Podeis pretender ser seguidores de Cristo; mas acaso isto beneficiará os que se encontram em vosso redor se não imitardes o Grande Exemplo? A vossa profissão de fé pode estar tão alta como o céu; mas ela não salvará nem a vós nem vossos companheiros se não fordes semelhantes a Cristo. A pureza do exemplo fará mais para alumiar o mundo do que toda a vossa profissão de fé. Desta maneira a luz brilhará e outros, vendo as vossas boas obras, glorificarão a vosso Pai que está nos céus.

Se tivéssemos só mais uma hora

Oh! que o Senhor nos ajude a sentir o que nunca sentimos dantes! Se soubésseis que teríeis só mais uma hora de provação, mudaríeis o curso da vossa vida? Não ousaríeis guardar a posição que tendes hoje? E contudo não sabeis se vivereis mais um dia. Não podeis chamar vossa uma hora sequer. Não sabeis quão cedo a morte abafará o vosso coração. Não sabeis quão cedo o machado será posto à raiz da árvore, e ouvirá a sentença: «Corta-a, porque está a ocupar a terra inútilmente?» Não acaba-

rá agora o vosso estado pecaminoso, com inveja ciúme e ódio, em vosso coração? Se pensais que podeis deixar cair os remos e ainda ir rio acima, estais enganados. É só por meio de zeloso esforço que podereis vencer a corrente.

Força que nunca falha

Quantos há, fracos como a água que poderiam partilhar de uma fonte inexaurível de força. O Céu está pronto a concedê-la, para sermos fortes no Senhor, e atingir a plena estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus. Que aumento de poder espiritual adquiristes no passado ano? Quem de entre vós alcançou uma vitória após outra até que a inveja o orgulho a malícia, o ciúme e o egoísmo, seja varrido e que as únicas graças do Espírito permaneçam — mansidão, longanimidade, caridade? Deus vos ajudará se aproveitardes o auxílio concedido.

Estas palavras são verdadeiras, e necessitais delas. Oh! como necessitais de despertar e arrancar a vossa alma das garras do inimigo! Quão zelosa e decididamente deveis entrar na batalha da vida, revestindo toda a armadura de Deus para combater triunfantemente. Satanás está já a tecer a sua rede à volta de vós. Ele não espera que a sua presa lhe seja trazida. Ele rodeia-nos como leão rugindo procurando a quem possa devorar. Mas estará sempre a rugir? Não; quando convém, ao seu nefando propósito, ele baixa a voz até ao cochicho suave e, revestido de adornos de luz aparece como um anjo do céu. Os homens conhecem tão pouco os seus ardis, entendem tão pouco o ministério da iniquidade que ele manobra-os quase a seu bel-prazer.

Muitos que viveram sob a fulgurante luz da verdade agem como se não tivessem nada que fazer. Deus chama cada um de nós a empreender a tarefa da vida, e a entrar na peleja como nunca dantes. Vós, a quem compraz falar das faltas dos outros, despertai, e olhai para o vosso coração. Tomai a vossa Bíblia e procurai o Senhor em fervorosa oração. Pedi-Lhe que Ele vos ensine a conhecer-vos a vós mesmos, a compreender as vossas fraquezas e pecados, as vossas loucuras à luz da eternidade. Pedi que Ele vos mostre a vós mesmos tal como o Céu vos vê. Esta é a obra individual. Cada homem edifica a sua própria casa. Não tendes nada que fazer com os pecados dos outros, mas tendes, muito que fazer com os vossos.

Em humildade, dirigi a vossa petição a Deus, e não descansai nem de dia nem de noite até que possais dizer: Ouvi o que o Senhor fez por mim; até que possais dar um testemunho vivo, e contar as vitórias ganhas.

Jacob lutou com o anjo toda a noite antes de ganhar a vitória. Quando rompeu a manhã, o anjo disse: «Deixa-me ir, porque já a alva subiu.» Mas Jacob respondeu: «Não te deixarei se me não abençoares». Então a sua oração foi atendida. «Não se chamará mais o teu nome Jacob» disse o anjo. «Mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste.»

Precisamos da perseverança de Jacob, e da fé tenaz de Elias. Uma vez após outra, Elias enviou o seu servo para ver se a nuvem se estava a levantar, mas nenhuma nuvem aparecia. No fim, depois de sete vezes, o servo voltou com estas palavras: «Eis aqui uma pequena nuvem, como a mão de um homem.» Acaso recusou Elias e disse: Não receberei isso como evidência; esperarei até que o Céu esteja bastante escuro? — Não. Ele disse: É o momento de nos irmos. Ele arriscou tudo sobre este sinal de Deus, e enviou o seu mensageiro diante dele dizer a Acab que vinha ruído de abundante chuva.

Precisamos de Fé

É duma fé como esta que precisamos, fé que segure com firmeza e que não ceda. A Inspiração diz-nos que Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós. O Céu ouviu a sua oração. Ele orou para que não chovesse, e não houve chuva. Orou outra vez, e o Céu deu chuva. E porque não suplicar ao Senhor hoje a favor do Seu povo? Que o Senhor venha a imbuir-nos do seu Espírito! Seja a cortina desviada para compreendermos o mistério da piedade!

Deus vos chama a pôr todas as vossas forças ao serviço da Obra. Tereis que dar conta do bem que podíeis ter feito se estivésseis na posição certa. É tempo de serdes cooperadores de Cristo e dos seus santos anjos. Despertareis? Há almas entre vós que necessitam do vosso auxílio. Tomastes a peito trazê-las junto à Cruz? Lembrai-vos de que o mesmo amor que tendes para com Deus revelará o amor que tendes para com os vossos irmãos e para as almas perdidas, que andam longe de Cristo.